

A cobertura da covid-19 pela secção de Economia e Emprego do EURACTIV

José Rúben Abreu de Castro

Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo

Nota: lombada (José Rúben Abreu de Castro, A cobertura da covid-19 pela secção de economia e emprego do EURACTIV, 2021) - encadernação térmica

Janeiro de 2021

**A cobertura da covid-19 pela secção de Economia e Emprego do
EURACTIV**

José Rúben Abreu de Castro

Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo

Janeiro de 2021

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo realizado sob a orientação científica do Professor António Granada.

DECLARAÇÕES

Declaro que este Relatório de Estágio é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'André Costa', written in a cursive style.

Bruxelas, 14 de janeiro de 2021

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O orientador,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'A. Branco', written in a cursive style.

Lisboa, 8 de janeiro de 2021

Uma boa definição da imprensa é a de que ela é uma espécie de bordador da história. É o registo, muitas vezes em forma de rascunho – impreciso, inexato, disperso – de factos e tendências que, muito tempo depois, teremos entendido como decisivos para que o país tenha seguido um rumo ou outro.

Sidnei Basile

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a toda a família do EURACTIV, que tão bem me acolheu num momento peculiar da nossa História. Um obrigado especial ao Zoran Radosavljevi e ao Jorge Valero, pelos ensinamentos e pela confiança. À Anne Damiani e à Evi Kiori, que enriqueceram a minha experiência e com quem partilhei o meu tempo de estágio na redação.

Ao professor António Granado, por me ter orientado neste relatório de estágio e pela disponibilidade que demonstrou ao longo do meu percurso académico.

À Cláudia, ao David e ao João F., que partilharam Lisboa comigo e que fizeram desse tempo um dos mais marcantes do meu percurso.

A todo o “team”, a base de tudo aquilo que sou. Aos do Funchal e aos de Bruxelas.

À Maria, por ter sido um pilar durante estes últimos anos e pela paciência que teve para discutir algumas das ideias deste relatório. Obrigado pelo apoio e por toda a confiança que tens em mim.

Aos meus pais, por me terem proporcionado as oportunidades que não tiveram. Pela liberdade e confiança que sempre depositaram nas minhas escolhas. Tudo o que alcanço é sempre mais vosso do que meu.

Por fim, a todos aqueles com quem discuti conceitos e pormenores deste relatório. Obrigado pelo vosso incentivo e por me terem ouvido. Valeu a pena.

A cobertura da covid-19 pela secção de Economia e Emprego do EURACTIV

José Rúben Abreu de Castro

Resumo

Este relatório surge no seguimento de um estágio de três meses, entre março e junho de 2020, realizado na secção de Economia e Emprego do EURACTIV. O presente trabalho tem como objetivo analisar a forma como a secção de Economia e Emprego do EURACTIV procedeu à cobertura da covid-19, analisando a emergência e a ascensão de um tema de risco. Para isso, analisou-se a cobertura dessa secção à covid-19 entre janeiro (data em que foi identificado um conjunto de casos de pneumonia de origem desconhecida – que mais tarde saberíamos que se tratava de um novo coronavírus) e junho de 2020 (data que coincidiu com o final do meu período de estágio). Como metodologia, utilizou-se a análise de conteúdo complementada com uma entrevista ao editor da secção.

Palavras-chave: jornalismo; jornalismo europeu; EURACTIV; amplificação e atenuação do risco; análise dos média; covid-19; comunicação de risco.

Abstract

This report follows a three-month internship between March and June 2020 at EURACTIV's Economy & Jobs section. The aim of this work is to analyse how the Economy & Jobs section of EURACTIV has covered covid-19, analysing the emergence and rise of a risk subject. To this end, the coverage of this section of covid-19 was analysed between January (date on which a set of cases of pneumonia of unknown origin - which we would later know was a new coronavirus) and June 2020 (date which coincided with the end of my internship). As a methodology, the content analysis was used complemented by an interview with the editor of the section.

Keywords: journalism; European journalism; EURACTIV; amplification and attenuation of risk; media analysis; covid-19; risk communication.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
PARTE I	2
Uma aventura pela Europa	2
Capítulo 1 – EURACTIV	2
1. Decifrar a União Europeia	2
2. O projeto EURACTIV	5
3. Estágio curricular em Bruxelas	7
4. Os trabalhos	14
5. Conclusão	17
PARTE II	18
O papel do risco nas notícias	18
Capítulo 2 – Conceitos	18
1. O risco nas notícias	18
2. Amplificação e atenuação social do risco nas notícias	19
3. Ciclos de atenção	21
PARTE III	23
Estudo de caso: A cobertura da covid-19 pela secção de economia e emprego do EURACTIV	23
Capítulo 3 – Desenho da Investigação e Metodologia	23
1. A escolha do tema e os objetivos	23
2. A análise de conteúdo e as variáveis	25
Capítulo 4 – Análise e discussão dos resultados	27
CONCLUSÃO	38
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES, GRÁFICOS E TABELAS	42
BIBLIOGRAFIA	43
ANEXOS	46
1. Anexo I	47

INTRODUÇÃO

No dia 31 de dezembro de 2019, a Comissão Municipal de Saúde de Wuhan, na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, relatou um conjunto de casos de pneumonia de origem desconhecida. Nove dias mais tarde, a China reportava ao mundo que um novo coronavírus, nomeado SARS-CoV-2 (o vírus que origina a covid-19), tinha sido a causa dos vários casos de pneumonia.

Em março o mundo parou. A Organização Mundial de Saúde elevou o novo coronavírus a um nível de pandemia. Essa “pandemia global” resultou, em apenas alguns meses, numa crise de saúde pública e numa calamidade económica diferente de qualquer outra observada nas nossas vidas (Lewis, 2020).

No seguimento de um estágio de três meses, entre março e junho de 2020, realizado na secção de Economia e Emprego do EURACTIV, um órgão de comunicação social focado em assuntos europeus, decidiu-se analisar a cobertura da covid-19 por parte deste meio, focando-nos na ascensão e declínio da atenção de um tema de risco de modo a refletir sobre a perceção social dos órgãos de comunicação social de notícias de situações consideradas de risco.

Em situação de normalidade e de crise, a comunicação de risco tem nos meios de comunicação de massas um instrumento central (Serra, 2006: 4), sendo que os media se afiguram como instituições intermediárias entre agências e instituições de produção, gestão, monitorização e avaliação de riscos, e públicos (Ponte, 2007:239).

Os órgãos de comunicação social são uma espécie de bordadores da história (Basile, 2002) e a forma como cobrem situações de risco acabam por marcar a sua relevância, podendo atuar como amplificadores ou atenuadores de um determinado risco.

Na primeira parte deste relatório abordamos a temática do jornalismo europeu e enquadrámos o EURACTIV, instituição onde decorreu o estágio, nesse panorama jornalístico.

Na segunda fase, refletimos sobre a tema da comunicação de risco e sobre o que foi produzido neste campo.

Na última parte, abordaremos a metodologia escolhida para a análise da cobertura feita pelo EURACTIV da covid-19 e analisaremos os dados recolhidos. Como metodologia, utilizou-se a análise de conteúdo complementada com uma entrevista ao editor da secção.

PARTE I

Uma aventura pela Europa

Capítulo 1 – EURACTIV

1. Decifrar a União Europeia

Olivier Baisnée (2002: 108) descreve o panorama comunicativo da União Europeia (UE) como um local de “decisões obscuras, tomadas por políticos ou tecnocratas desconhecidos, num sistema político e institucional que ninguém consegue compreender”.¹

Na visão de vários autores, a UE apresenta um problema de comunicação e, conseqüentemente, uma dificuldade em chegar aos cidadãos europeus. A primeira causa apontada tem que ver com a complexidade dos seus assuntos (Raeymaeckers, et al., 2007; Baisnée, 2002). O segundo ponto assenta na falta de legitimidade democrática de quem define o rumo das instituições europeias. (Lloyd et al., 2014; Rivas-de-Roca-García, 2018).

Todos os dias, mais de um milhar de jornalistas, de centenas de órgãos de comunicação social de toda a Europa, tem como função escrutinar as decisões europeias e interpretar as suas políticas. Esse microcosmo (Baisnée, 2002) tenta decifrar a UE para os seus cidadãos desde Bruxelas, uma cidade sem caras (Lloyd et al., 2014), que se encontra restringida ao quarteirão europeu.

Esse corpo de imprensa acaba por se encontrar entre a complexidade europeia e o seu público nacional, enquanto vive num ambiente internacional (Siaspera, 2005). No entanto, em alguns casos, é difícil falar de jornalismo europeu, aquele que cobre assuntos de um ponto de vista europeu (e não nacional) e que se dirige a um público europeu (Örnebring, 2009). Na opinião de Lloyd e Marconi (2014: 5), essa perspetiva leva ao prolongar do problema de comunicação dos assuntos europeus, que acabam por se tornar assuntos nacionais, dificultando, desta forma, uma abordagem pan-europeia:

“A maior parte das organizações, quando falam da UE, produzem cobertura que não tem como alvo os europeus, mas sim os portugueses, os alemães, os romenos e outros cidadãos. A mensagem subliminar é ‘O que é que a Europa está a fazer por nós?’. Assim, jornalistas

¹ Tradução livre

destacados para cobrir assuntos europeus, fazem aquilo que lhes parece natural: trazem a sua nação consigo.”²

No início dos anos 90, existiu uma tentativa de criar órgãos de comunicação social que tratassem das notícias da UE desde uma perspetiva conjunta para o continente. No panorama audiovisual, destacou-se a Euronews, a primeira cadeia televisiva pan-europeia, que reuniu doze cadeias nacionais, incluindo a RTP.

A própria UE, com o objetivo de dotar o projeto europeu de uma maior transparência (Lhayani, N.: 2007) e de modo a combater o “obscurantismo” identificado por Baisné (2002), avançou para a criação do portal www.europa.eu em 1995, que se tornou num marco do início da informação das instituições europeias em linha.

Nos anos seguintes seguiram-se a criação de vários projectos como o EURACTIV e o EUObserver, que assumiram esse objetivo de tratar dos assuntos europeus não como uma perspetiva nacional, mas sim numa perspetiva europeia.

Hoje em dia, à Euronews, Euractiv e EUObserver, juntam-se o Politico Europe, a Parliament Magazine, o E!Sharp, a New Europe e o Eurotopics, como órgãos de comunicação social que cultivam a perspetiva de um jornalismo europeu. A estes, juntam-se as grandes agências como a Reuters, Bloomberg, Dow Jones, AP e AFP. Meios transnacionais como os jornais económicos The Economist, o Financial Times e o Wall Street Journal, e, numa escala menor, a BBC e a CNN, também fazem o esforço de produzir notícias de uma perspetiva europeia.

No entanto, decifrar a UE não é uma tarefa fácil. Jornalistas que chegam a Bruxelas para reportar sobre assuntos europeus têm de estar preparados para a complexidade à volta desses temas. Para Karin Raeymaeckers, Lieven Cosijn & Annelore Deprez (2007: 110),

“(…) as políticas da UE são frequentemente tão abstratas e formais que é difícil interpretar o seu significado ao nível da vida quotidiana. Daqui decorre que muitos potenciais artigos para notícias são deixados intocados.”³

² Tradução livre

³ Tradução livre

A isto junta-se a perspetiva que a UE é uma história “aborrecida” que normalmente só interessa a um público que é visto como a “elite” europeia (Lloyd, 2014).

Os que cobrem os assuntos da UE, principalmente os correspondentes, acabam por se tornar jornalistas generalistas, que têm de saber explicar temas que vão desde a economia à saúde, passando pela Política Agrícola Comum (PAC) e programas tão distintos como o Horizonte Europa e a Europa Criativa. A isto, junta-se o longo e complexo processo legislativo das instituições europeias e as agendas nacionais sobre cada assunto.

A esta habilidade de cobrir uma grande variedade de tópicos, acrescenta-se a fluência em várias línguas (Lloyd et Marconi, 2014) e a compreensão do que é a Europa e o projecto Europeu (Bainees, 2002).

Jorge Valero, jornalista no EURACITY e correspondente do espanhol El Economista, concorda com esta visão de um jornalista “ágil” que seja portador de uma “ampla compreensão do que se passa na Europa”.

Para o jornalista espanhol, em Bruxelas desde 2009, quem reporta desde a capital europeia necessita ainda de:

(...) ter muito bom senso, porque há muitas coisas a acontecer ao mesmo tempo, por isso precisa de aprender a estabelecer prioridades e a não entrar em pânico, porque as coisas vão sobrepor-se. E vão achar que tudo é importante, que todas as histórias são relevantes e ao mesmo tempo difíceis de compreender. Ao mesmo tempo, acabam por não compreender as histórias, pelo que não conseguem julgar quais as que são mais importantes. Tem de ter muita resiliência (...) para evitar o pânico.

(...) e, claro, um jornalista é tão bom como o valor das suas fontes. Precisa de estar na rua, não pode trabalhar a partir do escritório. Tem de estar por perto. No início é muito importante que participe em cada conferência de imprensa e que faça muitas perguntas para se tornar visível. Não importa se o seu meio de comunicação é grande ou pequeno, porque é desta forma que ganhará a confiança dos porta-vozes e gabinetes. Assim vai começar a trabalhar as suas fontes, a obter informação e a publicar boas histórias, o que

aumentará a sua visibilidade. (Entrevista com Jorge Valero, chefe de redação da secção de economia e emprego do EURACTIV, Anexo I)⁴

Bruxelas é também o local onde os três modelos de Paolo Mancini e Daniel Hallin (2004) exercem influência uns nos outros (Lloyd et al., 2014). A identidade de um verdadeiro jornalismo europeu, e do modo de como são comunicados os assuntos europeus, passa também pelo resultado desta fusão.

2. O projeto EURACTIV

O ano de 1999 trouxe com ele momentos de introspeção e expectativa sobre o que poderia vir do novo milénio. Foi o ano em que o mundo parou para pensar nas possíveis consequências do “Y2K”⁵. Foi também o ano em que Timor-Leste, através de um referendo, votou pela sua independência da Indonésia e em que Portugal transferiu a soberania de Macau para a República Popular da China.

Foi também um ano marcante para o projeto Europeu, que na altura contava apenas com 15 membros – Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal, Reino Unido e Suécia. O euro passou a ser a moeda oficial de 11 países; o tratado de Amesterdão entrou em vigor e o italiano Romano Prodi sucedeu ao luxemburguês Jacques Santer como presidente da Comissão Europeia.⁶

Foi com este panorama a nível mundial e europeu que nasceu a EURACTIV Media Network. O grupo, fundado pelo francês Christophe Leclercq – um antigo funcionário da Comissão Europeia –, assumiu-se, desde o início, como um órgão de comunicação social independente, pró-europeu e com o objetivo de mostrar “a eficiência e a transparência dos atores europeus”.⁷ Assim, em 1999, o EURACTIV tornou-se no primeiro portal de informação sobre política europeia nativo do meio digital.

Apesar de a empresa se encontrar registada no Reino Unido, a redação principal do EURACTIV encontra-se em Bruxelas, tal como outros órgãos de comunicação social focados

⁴ Tradução livre da entrevista efetuada em outubro de 2020 (Anexo I)

⁵ <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/library/tech/99/12/biztech/articles/30y2k-preparation.html> [consultado em 14/10/2020];

⁶ https://europa.eu/european-union/about-eu/history/1990-1999/1999_pt [consultado em 14/10/2020];

⁷ <https://www.euractiv.com/about-euractiv/editorial-mission/> [consultado em 14/10/2020];

em assuntos europeus. Com o objetivo de melhor informar sobre a Europa, o EURACTIV possui uma rede pan-europeia, estando presente em 13 capitais europeias. No entanto, a forma como as redações são constituídas varia de país para país.

A redação pode encontrar-se integrada na matriz EURACTIV – como acontece em Berlim e em Paris – ou ser formalmente independente, tal como é o caso da redação espanhola. Em Espanha, o EURACTIV encontra-se representado pela EUROEFE, a filial para temas europeus da Agência EFE. O EURACTIV colabora ainda com canais de informação de 14 países. Em Portugal, por exemplo, o jornal focado em assuntos europeus tem uma colaboração com a Agência Lusa.

País	Extensão	Media Partners	
Bélgica (Europa)	Euractiv.com	European Pressphoto Agency	News4Europe
França	Euractiv.fr	La Tribune	Ouest-France
Alemanha	Euractiv.de	Der Tegesspiegel	WirtschaftsWoche
Espanha	Euractiv.es	Agência EFE	El País – Planeta Futuro
Itália	Euractiv.it	Milano Finanza	Italia Oggi
Eslováquia	Euractiv.sk	Denník N	-
Reino Unido	Euractiv.co.uk	The Guardian	-
Grécia	Euractiv.gr	Athens New Agency	-
Bulgária	Euractiv.bg	Dnevnik	-
Sérvia	Euractiv.rs	Novinska Agencija BETA	-
Roménia	Euractiv.ro	HotNews.ro	-
República Checa	Euractiv.cz	Economia.cz	-
Polónia	Euractiv.pl	Gazeta Wyborcza	-
Portugal	-	Agência Lusa	-

Tabela 1. Representações da rede do EURACTIV e Media Partners⁸

Se olharmos para o ponto de vista linguístico (e daqui excluimos a língua sérvia, porque a Sérvia não faz parte da UE), no seu conjunto, as redações do EURACTIV produzem informação acessível sobre políticas europeias para cerca de 80% para população da União

⁸ <https://www.euractiv.com/about-euractiv/media-partners-network/> [consultado em 14/10/2020];

Europeia⁹. Em conjunto, os domínios do EURACTIV contribuem com cerca de um milhão de leitores únicos¹⁰.

Em 2020, o projeto conta com a contribuição de 100 pessoas, das quais 50 são jornalistas.¹¹ A redação de Bruxelas, que conta com a colaboração de cerca de 20 jornalistas, produz conteúdos em língua inglesa para o site primário, o euractiv.com, normalmente com uma visão mais global dos acontecimentos. Nas outras redações, é prática adaptarem algumas das notícias, colocando um ângulo nacional sobre os assuntos (Rivas-de-Roca-García, 2018).

A 30 de junho de 2020, a redação do EURACTIV em Bruxelas dividia-se nas seguintes secções e respetivos editores: Energia e Ambiente (Frédéric Simon), Agricultura e Alimentos (Sarantis Michalopoulos e Gerardo Fortuna), Digital (Samuel Stolton), Transportes (Sam Morgan), Saúde (Sarantis Michalopoulos), Economia e Emprego (Jorge Valero e Beatriz Ríos) Europa Global (Georgi Gotev e Alexandra Brzozowski), Política (Zoran Radosavljevic e Benjamin Fox). O editor chefe era o antigo correspondente da Agência Reuters nos Balcãs, Zoran Radosavljevic.

3. Estágio curricular em Bruxelas

A ambição de estagiar num órgão de comunicação social focado em assuntos europeus nasceu em 2012. Encontrava-me na República Checa, na altura na minha licenciatura, integrado no programa Erasmus.

Vivendo numa residência com pessoas de 17 nacionalidades, numa aprendizagem constante de novos hábitos e culturas, lembro-me de pensar o que era isso de “ser europeu” e o que realmente era a “Europa”.

Mais tarde, em 2017, já longe dessa experiência, mas com outras pelo caminho, tive a oportunidade de agarrar um desafio profissional na capital europeia. É impossível não sentir o debate à volta do projeto europeu em Bruxelas, entre os edifícios reluzentes do quarteirão europeu e as bandeiras azuis e amarelas.

⁹ https://europa.eu/european-union/about-eu/figures/living_en [consultado em 14/10/2020]; A população total da União Europeia é de cerca de 446 milhões de pessoas. A total da população somada dos seguintes países europeus é de 365 milhões de pessoas: França, Alemanha, Espanha, Irlanda, Itália, Eslováquia, República Checa, Bulgária, Roménia, Grécia e Polónia. Não incluímos a população do Reino Unido devido ao facto do país não fazer parte da União Europeia.

¹⁰ <https://www.euractiv.com/about-euractiv/abouteuractiv/> [consultado em 14/10/2020];

¹¹ <https://www.euractiv.com/about-euractiv/euractiv-com-plc/> [consultado em 14/10/2020];

Na altura de escolher um local para realizar o meu estágio curricular, Bruxelas pareceu-me o sítio ideal: pela pertinência e relevância dos assuntos europeus; pela multiculturalidade nas redações e dos intervenientes nas notícias; pelo desafio de produzir conteúdo escrito em língua inglesa e, claro, por ser a cidade das grandes decisões políticas europeias.

Na cidade, existem vários órgãos de comunicação social dedicados à política europeia. No final de 2019, estava indeciso entre três deles: Político Europe; EUObserver e EURACTIV. Acabei por escolher o último por ser aquele com que, como leitor, tinha uma relação mais forte. O facto de ter uma rede pan-europeia também pesou na minha escolha.

3.1 A secção de Economia e Emprego

Antes de chegar ao EURACTIV sempre estive ligado às áreas da educação, da cultura e do desporto. Era natural para mim, indo para um órgão de comunicação social focado em assuntos europeus, querer cobrir estes tópicos numa perspetiva europeia.

Durante as minhas primeiras conversas com o Zoran Radosavljevic, o editor chefe do EURACTIV, mostrei interesse em acompanhar as decisões sobre políticas sociais, nomeadamente das áreas relacionadas com a educação e a cultura. “A secção de Economia e Emprego é quem cobre as áreas da educação, europa social e coesão. Interessa-te?”, perguntou o Zoran. Respondi-lhe logo que sim, apesar do peso que a palavra “Economia”, no nome da secção, significava para mim.

“Ainda bem. Logo que chegares partilho os contactos da Beatriz e do Jorge, que são quem seguem estas áreas. São espanhóis, portanto, vão entender-se bem”, brincou. Assim, ainda antes de chegar à redação do EURACTIV, já a escolha da secção aonde iria colaborar durante os três meses do estágio tinha sido feita.

Na altura, lembrei-me das palavras da professora Christiana Martins, jornalista do Expresso e quem nos desvendou o jornalismo económico durante o primeiro ano do mestrado: “Não pensem que a economia é um bicho de sete cabeças”. Antes do estágio, era só isso que pensava.

3.2 Informar: tanto da redação como de casa

O primeiro dia no EURACTIV foi um dia marcante para mim. Lembro-me de subir a pé, pela Rue de la Loi, e de passar pelos edifícios da Comissão e do Conselho Europeu. Tal como

outros órgãos de comunicação social e agências, como a Bloomberg, o EURACTIV tem a sua redação naquele que é conhecido como o quartirão europeu em Bruxelas. O International Press Centre situa-se a dois minutos do edifício da Comissão Europeia, o Berlaymont. Na altura, achei que faria sentido os órgãos de comunicação social europeus estarem tão próximos dos decisores políticos.

Subi até ao segundo andar do edifício e já lá estava a Vlada Toma, uma das gestoras do escritório, que se encarregou de fazer-me uma visita guiada pelo espaço. “À tua direita estão os jornalistas e a equipa de multimédia. À esquerda tens a equipa de eventos e marketing, comerciais, contabilidade e administrativos”, disse. A dividir o *open space* encontravam-se as salas de reunião em estilo aquário.

Apresentado o espaço, tratei de encontrar aquele que seria o meu local de trabalho. Fiquei numa mesa perto da equipa de multimédia e de frente para o editor. No meu primeiro dia tive apenas de preencher os documentos referentes ao meu estágio. Conheci ainda alguns dos editores das outras secções, como Frédéric Simon (*Energia e Ambiente*), que me perguntou logo se não queria fazer alguns trabalhos para aquela secção. Respondi-lhe que enquanto estivesse no estágio estaria disposto a arriscar e a escrever “um pouco sobre tudo”. Era também essa a minha expectativa.

O meu estágio decorreu entre os dias 16 de março de 2020 e 16 de junho de 2020, numa duração prevista de 400 horas. De maneira geral, o número de horas foi cumprido, apesar de terem existido alguns feriados nos quais não trabalhei (como o 9 de maio, por exemplo, dia da Europa). No entanto, essas horas foram compensadas com as horas extras e trabalho após a data oficial de término do estágio.

No segundo dia, para além de outros jornalistas, tive a oportunidade de conhecer o Zoran pessoalmente. Nesse momento, o Zoran falou-me sobre o projeto do EURACTIV e tentou guiar-me pelos temas da secção de Economia e Emprego. De seguida, apresentou-me ao Jorge Valero (editor da secção de Economia e Emprego) e à Beatriz Ríos.

Durante os primeiros dois dias tive pouco contacto com a restante equipa. Devido às recomendações das entidades responsáveis pela saúde na Bélgica, muitos dos jornalistas já se encontravam a trabalhar de casa por causa da covid-19.

Nesse mesmo dia, por volta das 12:00 horas, recebemos a confirmação de que esse seria o novo normal. A primeira-ministra belga, Sophie Wilmès, havia anunciado que, a partir da tarde do dia 18 de março, os residentes no país estariam convidados a ficar em casa e a limitar as

suas deslocações¹². Já o Conselho de Segurança Nacional Belga decidiu que as empresas deveriam privilegiar o teletrabalho. Numa decisão conjunta, a redação do EURACTIV decidiu, dessa forma, passar a trabalhar de casa.

Esse foi um momento de desilusão para mim, pois um dos meus objetivos do estágio era o de desfrutar da experiência de estar numa redação. No entanto, essa falta de interação física foi colmatada com algumas chamadas e reuniões nas plataformas *WhatsApp* e *Zoom*, respetivamente.

No dia 18 de março, comecei oficialmente a trabalhar de casa. Por já ter alguma experiência em teletrabalho, sabia que a disciplina seria um ponto importante. O meu horário era das 10:00 às 16:00 horas, mas desde o início percebi que iria ter de ser flexível. Tratando-se o EURACTIV de uma plataforma online, que pode ser atualizada a qualquer momento, já estava também à espera disso.

Em cada semana, tinha sempre duas reuniões. A editorial, que acontecia às segundas-feiras pelas 11:00 horas, e a geral, com todos os elementos do EURACTIV (incluindo equipas de outros países e de outras secções), que se realizava às sextas-feiras pelas 12:00 horas.

Em relação às primeiras, eram reuniões informais. Achei sempre muito estimulante a discussão entre os jornalistas. Na minha primeira reunião é claro que o grande tópico foi a covid-19. Falou-se sobre a confirmação de que estávamos a ter uma Europa a duas velocidades na forma de lidar com o vírus, das desigualdades que poderiam surgir e da luta que poderia surgir entre os países do norte e do sul da UE.

Outro ponto interessante das reuniões é que elas não eram apenas editoriais. Os jornalistas no EURACTIV desenvolveram um pensamento empresarial. Lembro-me de uma reunião, no início de abril, em que discutimos sobre o trabalho da equipa comercial e das oportunidades que poderiam sugerir. O resultado dessa reunião foi um documento com possíveis sectores onde a equipa comercial poderia tentar arranjar clientes, visto que nos iríamos debruçar sobre temas como a saúde, o turismo, a economia e a indústria automóvel.

Este pensamento dos jornalistas explica-se com o modelo de negócio do EURACTIV. Apesar de ser um projeto apoiado pela DG Connect da Comissão Europeia, o EURACTIV tem

¹² https://www.lemonde.fr/international/article/2020/03/17/coronavirus-la-belgique-annonce-un-confinement-jusqu-au-5-avril_6033457_3210.html [consultado em 21/10/2020];

ainda parcerias com instituições europeias – disseminando projetos europeus e comunicação de políticas europeias –, associações, empresas e parcerias franchise.¹³

As parcerias com associações e empresas funcionam da seguinte forma: o EURACTIV vende a uma empresa um pacote sobre um tema específico – exemplo: emprego jovem ou multilinguismo – e depois faz cerca de cinco textos sobre esse assunto. O ângulo editorial fica à responsabilidade do jornalista e do editor. A peça surge com o logo da empresa no lado direito, com um sinal a dizer “supporter”. (Figura 1)

Digitalisation could preserve minority languages, MEP says

By Rúben Castro | EURACTIV.com

📅 29/06/2020 (updated: 📅 30/06/2020)



Supporter



From Twitter

Tweets by @EUregistry

 EURid
@EUregistry
Such a pleasure to chat with all tech enthusiasts, who took our #doteu quiz, at our [recent online event @TechCentral!](#)

Figura 1. Exemplo de um artigo publicado no âmbito de uma parceria

Este modelo de negócio faz com que os jornalistas estejam em constante comunicação com a equipa comercial, dando soluções válidas. Poderíamos questionar se este modelo não levantaria problemas éticos, visto que poderá ser interpretado como uma espécie de mercantilização do jornalismo. Segundo Kovach e Rosentiel (2001:96), este tipo de jornalismo poderia pôr em questão a lealdade dos jornalistas, já que têm de ter em conta o tema proposto pelas empresas que pagam pelo serviço, em vez de apenas olharem apenas para os seus leitores, ouvintes ou espectadores. No entanto, pelo que foi possível observar no estágio, o tema surge muitas vezes primeiro e os jornalistas apenas informam a equipa comercial que irão tratar desse tema específico. Como referido no parágrafo anterior, na altura da pesquisa, entrevista e elaboração do artigo, as empresas não têm influência sobre o que o jornalista irá escrever. A

¹³ <https://www.euractiv.com/about-euractiv/euractiv-com-plc/> [consultado em 14/10/2020];

questão de a quem ele será leal não se coloca. “A finalidade do jornalismo é fornecer às pessoas a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem” (Kovach *et al*, 2001:9) e a lealdade do jornalista permanece ao lado de quem o lê, ouve e o vê.

Em relação às reuniões de sexta-feira, eram mais formais do que a editorial e serviam para fazer um ponto de situação sobre as atividades do EURACTIV. Nela participavam cerca de 60/70 pessoas, por oposição das editoriais, em que éramos normalmente 15 pessoas.

Em relação às minhas funções, as tarefas a desempenhar pelos estagiários no EURACTIV não diferiam muito das que eram realizadas pelos jornalistas mais experientes. Mesmo a nível hierárquico, essa visão não é muito vincada. É claro que os jornalistas seniores tinham mais responsabilidades, mas ninguém esperava menos de um trabalho por ser um jornalista estagiário a escrevê-lo.

No início, houve uma preocupação do Zoran para aprender o estilo de escrita do EURACTIV (influenciado pelo *Handbook of Journalism* da Reuters, devido ao facto do editor ter sido correspondente da Agência por mais de 20 anos)¹⁴. Outro ponto importante no início foi o da familiarização com o *back office* do www.euractiv.com. Já tendo trabalhado em *Wordpress*, esta tarefa foi relativamente fácil.

Durante o estágio, era normal que o Zoran Radosavljevic ou o Sarantis Michalopoulos me enviassem textos para ser colocados no *backoffice*, tanto notícias vindas da rede EURACTIV, como artigos de opinião. Normalmente, com os textos, também me cabia a decisão de escolher a imagem que iria ilustrar o artigo, com a respetiva legenda. As imagens, normalmente, eram retiradas do site da European Press Agency ou do Shutterstock, para notícias mais gerais. Além disso, tinha ainda de definir uma entrada, as *tags* e atribuir a secção.

Raramente publicava as notícias. Aos jornalistas pediam apenas que as colocassem no *backoffice*. Depois os editores ficavam responsáveis pelas correções/edições e por colocar os *embeds*. Quanto à assinatura, as peças são quase todas assinadas, mesmo as dos estagiários. Só as que são enviadas por agências, como por exemplo, pela Lusa, é que é apenas colocado o nome da agência.

Ao longo de um dia normal, o Zoran Radosavljevic pedia-me para colocar artigos de opinião que nos chegavam ao email (fazendo eu uma primeira revisão) e notícias que nos

¹⁴ http://handbook.reuters.com/index.php?title=Reporting_and_Writing_Basics#Basic_story_structure [consultado em 21/10/2020];

chegavam das agências. O editor da minha secção, Jorge Valero, pedia-me ajuda na elaboração de alguns textos e na recolha de informação.

Desde o início foi-me dada liberdade para propor peças. As correções eram normalmente feitas pelo Benjamin Fox, Zoran Radosavljevic ou pelo Samuel Morgan. Apesar de estar em casa, eu conseguia ter acesso ao histórico de revisões, o que me permitia ver o que tinha sido alterado e com isso aprender e melhorar. Também surgiram vezes em que Zoran me ligou e esteve a corrigir o texto “linha a linha” comigo.

A Bélgica iniciou a segunda fase de descofinamento no dia 18 de maio, com a abertura de alguns locais públicos como museus e escolas. Aqui, também o teletrabalho se mantinha como recomendação para as empresas. Em reuniões editoriais, definiu-se que quem quisesse voltar para o escritório poderia fazê-lo na última semana de maio, mas teria de ir alternando os dias.

Na altura falei com Zoran e pedi para ir todos os dias. Visto que dois meses do meu estágio foram feitos a partir de casa, queria ter pelo menos cerca de um mês na redação. O pedido foi aceite.

Na última semana de maio voltei para a redação. Fiquei contente por ter tido esta oportunidade. Lembro-me de nos primeiros dias estar muita gente de outras secções. Da redação, ao longo do dia, passavam cerca de oito/nove jornalistas. Os restantes continuavam a trabalhar de casa. Na redação as minhas tarefas eram as mesmas que em casa. No entanto, existiram alguma diferenças no meu dia a dia.

Durante o meu tempo na redação tive um maior acompanhamento na elaboração das minhas peças. Os editores de outras secções tinham mais atenção connosco, estagiários, e pediam-nos ajuda em alguns trabalhos. O Samuel Stolton, da secção digital, por exemplo, para além de me pedir alguns trabalhos, também se sentava comigo para ajudar-me nos textos. Falava sobre o papel do jornalista, de como cativar o leitor e da importância de fazermos as perguntas certas. Achei a disponibilidade dos jornalistas mais seniores positiva.

Acabei por ter semanas mais intensas, com mais entrevistas, reuniões e artigos. Durante esse tempo tive também de aprender a escrever entre o burburinho da redação (em casa não tinha esse problema). No entanto, achei positiva a constante troca de ideias e a dinâmica da redação.

4. Os trabalhos

No meu primeiro dia aproveitei para me familiarizar com o website do EURACTIV e para ler alguns textos dos meus colegas. No dia seguinte, chegou-me a primeira grande tarefa. A Beatriz Ríos pediu-me ajuda a recolher informação para um artigo sobre o papel das entidades privadas na formação dos jovens.

Ao mesmo tempo, o Jorge Valero pediu-me para escrever aquele que seria o meu primeiro artigo publicado no EURACTIV. Tive de reportar sobre os resultados de um relatório sobre a implementação por parte dos países da UE da 5.^a diretiva europeia contra a lavagem de dinheiro, que seria apresentado no dia 20 de março. Neste primeiro artigo identifiquei um dos pontos em que teria dificuldade na língua inglesa durante o período de estágio: os termos económicos. Com o tempo e com a prática foi possível contornar essa dificuldade.

No dia 23 de março tive a minha primeira entrevista. O artigo foi sobre a possível falta de produtos no supermercado, isto depois da frenética corrida às superfícies comerciais na altura em que foi anunciado o confinamento. Entrevistei o cofundador e analista chefe da Tabs Analytica, Kurt Jetta, que tinha acabado de ser o autor de um relatório sobre este assunto.

Nestes dois primeiros artigos tive uma grande ajuda de Jorge Valero, que me orientou em relação ao modo como deveria direcionar o artigo, nomeadamente na escolha dos *leads* e dos títulos. Deu-me também alguns conselhos, como fazer parágrafos mais curtos, que se enquadrassem no estilo utilizado no EURACTIV.

No início de abril, continuei a escrever outros artigos relacionados com relatórios que nos iam chegando à redação. A temática “corona” foi transversal a todas as secções. As questões mais políticas foram seguidas pelos jornalistas mais seniores. Enquanto isso, todos seguiam com especial atenção as alterações nos seus países.

Foi também no início do mês de abril que comecei a dar mais atenção à vertente social das consequências da pandemia. A Beatriz Ríos passou-me o texto sobre o papel das entidades privadas na formação dos jovens. Para esse artigo, cheguei ao contacto com dois empresários búlgaros que tinham organizado um seminário assente nessa temática: Nikola Gazdov, CEO da Renergy, e Deyan Peychev, CTO da Identrics.

Ao mesmo tempo, segui um relatório sobre o impacto social/financeiro da pandemia nos alunos que se encontravam integrados no programa Erasmus+. Para esse trabalho entrevistei o

presidente da Erasmus Students Network, Kostas Giannidis. Este artigo foi publicado no dia 17 de abril.

Por essa altura, o prazo do confinamento na Bélgica, e na maior parte dos países europeus, havia sido prolongado. As consequências económicas da crise continuavam a ser um dos grandes temas. No dia 21 de abril, o na altura ministro das finanças português, Mário Centeno, deu uma entrevista ao jornal Público. Sendo o único jornalista que falava português na redação, fiz questão de fazer um apanhado sobre a entrevista, tendo em conta a sua visão como presidente do Eurogrupo e as suas considerações sobre a economia europeia. Na altura pensei que esta era, sem dúvida, uma das vantagens de ter uma redação multilingue.

Durante o meu tempo no EURACTIV, passou a ser normal marcar presença em seminários e conferências de imprensa em linha. Os editores e os jornalistas mais seniores passaram a seguir o habitual *rendez-vous de midi* – altura em que o porta-voz da Comissão Europeia faz a atualização diária sobre o trabalho da Comissão – através dos seus computadores. As mais gerais, ou as que significavam um trabalho extra, eram passadas aos mais novos.

Por exemplo, no final de abril, acompanhei uma conferência de imprensa do European Institute of Innovation and Technology (EIT), sobre o plano de apoio a empresas por causa das consequências da pandemia. No evento marcaram presença Martin Kern, director do EIT, e Jan-Philipp Beck, CEO do EIT Saúde. No final da apresentação, os jornalistas puderam lançar questões por escrito na plataforma. Lembro-me de pensar que este era agora um mundo novo, criado pela covid-19, e de como a dinâmica do jornalismo havia mudado.

Desde o início da pandemia que o EURACTIV criou um espaço no seu website dedicado à covid-19: o “Corona Tracker”. Dividido por países, o objetivo era destacar as consequências da pandemia e as medidas tomadas pelos governos nas áreas da economia, saúde, turismo, educação e transporte. A responsabilidade de atualizar esta parte do website era partilhada por seis jornalistas. No dia 13 de maio fui convidado a integrar essa equipa. Durante uma manhã e uma tarde ao longo da semana (no meu caso segundas e terças-feiras) comecei a ajudá-los. Esta responsabilidade manteve-se até ao final do estágio.

Pouco tempo depois foi o momento de voltar à redação. As máscaras; o gel hidroalcoólico; a distância entre todos. O espaço já não era o mesmo. Como em tudo, adaptámo-nos e, após alguns dias, tudo aquilo passou a ser normal.

No EURACTIV, ao mesmo tempo que tinha atenção ao que se passava na Europa, tentei também olhar para Portugal e para as notícias que poderiam ser interessantes num contexto

européu. No final de maio, a agência EFE analisou o impacto da covid-19 e as mudanças que isso significariam no turismo do arquipélago das Canárias. Na altura, sugeri ao Zoran Radosavljevic fazer o mesmo numa das regiões autónomas de Portugal, também elas muito dependentes economicamente do sector turístico. O artigo foi publicado no dia 9 de junho.

Nesse mesmo dia, recebi um alerta a dizer que Mário Centeno tinha saído do governo português. Lembro-me de perguntar ao Jorge Valero se ia escrever sobre este assunto. Sendo eu português, respondeu-me a dizer que poderia avançar com o texto. Deu-me algumas linhas de como abordar o assunto a nível europeu, nomeadamente do ponto de vista da sucessão da presidência do Eurogrupo. Aqui notei que tive um pequeno impulso de falar de Centeno como ministro das finanças português, e não com uma visão europeia. Jorge Valero fez bem em alertar-me para a importância dessa visão. O facto de ser português e de dominar a língua foi uma mais valia para este trabalho, nomeadamente na altura de procurar informação e de ter conhecimento do panorama nacional. No entanto, quando a notícia precisa de algum distanciamento pode ser difícil de nos libertarmos dessa visão nacional.

No dia seguinte tive também publicada uma entrevista, que fiz em conjunto com outra jornalista estagiária, a Anne Damiani, ao diretor do Instituto da Propriedade Intelectual da União Europeia, Paul Maeir. Achei interessante de fazer este trabalho com outra pessoa. A dinâmica na preparação para a entrevista e na pesquisa de informação exige um espírito de trabalho de equipa e de cooperação que acaba por ser valioso.

Na mesma semana, fiz ainda duas entrevistas: uma à eurodeputada checa Michaela Sojdrová, da Comissão de Cultura e Educação do Parlamento Europeu, e outra a Emily Taylor, autora do relatório da UNESCO sobre a internacionalização dos domínios dos websites. Estas entrevistas resultaram de um desafio lançado pelo Samuel Stolton, editor do digital. Num dos seus primeiros dias de volta à redação chamou-me para saber sobre que áreas é que gostaria de escrever. Respondi-lhe que gostaria de fazer algo relacionado com cultura. Chegámos então à ideia de fazer algo sobre a falta de multilinguismo nas instituições europeias. O artigo foi publicado no dia 26 de junho. Foi o meu último trabalho para o EURACTIV.

No final, faço um balanço positivo dos trabalhos realizados. Alguns desses artigos foram ainda traduzidos para outras línguas e publicados em outros domínios da rede EURACTIV, nomeadamente no francês, italiano, alemão, romeno e búlgaro. Esta possibilidade de termos os artigos traduzidos e redirecionados para outro domínio é uma vantagem da rede e vai ao encontro da ambição do EURACTIV de ser um meio de comunicação social pan-europeu.

5. Conclusão

Cheguei ao estágio numa altura de transição entre o trabalho presencial e o teletrabalho. Quando pensei em realizar o estágio no EURACTIV, tinha como objetivos ganhar alguma experiência em redação, trabalhar num espaço multicultural e melhorar a minha escrita jornalística em inglês.

Com um olhar crítico, tenho noção que o estágio teria sido completamente diferente caso tivesse passado os três meses na redação. Estava também à espera de passar mais tempo no exterior, nomeadamente a cobrir eventos nas instituições europeias. Apesar disso, tendo em conta as circunstâncias, acho que consegui tirar o melhor partido da situação. Apesar do desalento inicial pela situação, conseguir manter-me motivado, disponível e comprometido com o projeto do EURACTIV.

O facto de estar a trabalhar de casa durante uma parte considerável do estágio exigiu um grande espírito de disciplina da minha parte, incluindo alguma flexibilidade em relação ao horário. Foi interessante assistir à adaptação de grande parte dos eventos e a sua transição para o digital.

No entanto, as últimas semanas na redação puseram-me a pensar em como poderia ter sido o estágio. A dinâmica na redação foi completamente diferente, mais intensa e com uma maior cooperação entre os colegas. Do ponto de vista qualitativo, acredito que aprendi muito durante esse tempo.

O conhecimento que adquiri no ano letivo do mestrado mostrou-se útil durante o tempo do meu estágio. Apesar disso, o facto de ter tido esta experiência, em ambiente real de redação, enriqueceu o meu processo de aprendizagem.

PARTE II

O papel do risco nas notícias

Capítulo 2 – Conceitos

1. O risco nas notícias

Nos últimos anos, a qualificação dada à sociedade em que nos inserimos tem sido de “sociedade de risco”, mas também de “sociedade da informação” ou da “comunicação” (Serra, 2006). Mais relevante do que a reflexão sobre esta qualificação, Serra (2006) indica que os organismos que tratam de perto com situações de risco consideram a informação como um fator fundamental nesse tipo de contextos, e aponta para a importância dos meios de comunicação de massas na comunicação do risco (Serra, 2006:4):

“Seja em situação de normalidade seja em situações de crise, a comunicação de risco tem, nos meios de comunicação de massas (...) um instrumento central”.

Ponte (2007:239), sustentada em Beck, também segue pelo mesmo fio, referindo que “os media são relevantes como instituições intermediárias entre agências e instituições de produção, gestão, monitorização e avaliação de riscos, por um lado, e públicos, pessoas comuns, por outro, atribuindo a estes um papel essencialmente passivo.”

Serra (2006:4) sugere quatro vantagens dos meios de comunicação de massas para a comunicação de risco: 1) o tamanho das audiências a que consegue alcançar; 2) a velocidade com que concebem e difundem as suas mensagens; 3) os padrões deontológicos que regulam a atividade dos profissionais do sector, os jornalistas; e 4) o facto de terem uma forma de comunicação atraente e sugestiva.

Apesar dessas vantagens, a cobertura noticiosa de matérias de risco por parte de meios de comunicação de massas é de maneira recorrente acusada de sensacionalistas. No entanto, essas considerações genéricas não permitem refletir sobre as hipóteses que afetam o tratamento de riscos (Ponte, 2007: 242).

Todavia, segundo Kitzinger (Ponte, 2007:243 apud Kitzinger, 1999:62), o mais relevante não será saber se os meios de comunicação “exageram” ou “desvalorizam” o risco, mas sim descobrir que riscos chamam à atenção os meios de comunicação.

Ponte (2007:244-245) sintetizou as pesquisas elaboradas por Kitzinger nessa matéria chegando às seguintes ideias: 1) Os media tendem a focar-se em riscos que matem ou afetem muitas pessoas ao mesmo tempo; 2) os riscos fora do comum são mais atraentes para os media do que os riscos correntes; 3) um acontecimento geograficamente próximo apresenta uma possibilidade de tratamento manejável do que outro ocorrido fora do centro noticioso; 4) existem dinâmicas internas que influenciam a continuidade da atenção a um dado risco, sendo que o cansaço, por exemplo, poderá fazer com que uma história se torne *old news*, apesar de o risco continuar; 5) a atividade das fontes e relações entre fontes e jornalistas são centrais no processo de produção noticiosa; e 6) as considerações dos jornalistas sobre o entendimento da relevância de uma crise serão influenciadas pelo grau de proximidade cultural, política ou geográfica da ameaça a si mesmos e às suas audiências.

2. Amplificação e atenuação social do risco nas notícias

Sobre a temática da comunicação pública de risco, importa destacar um dos primeiros contributos para a construção social de um modelo explicativo da perceção de risco através dos media. A Matriz de Amplificação Social do Risco, mais conhecido pela sua sigla inglesa SARF (Social Amplification of Risk Framework), foi colocada por Roger Kasperson e colegas em 1988.

Esta proposta tinha como propósito interpretar os processos através dos quais certos riscos e eventos podem tornar-se um foco importante numa sociedade (amplificação de risco) enquanto outros causam o efeito contrário, ou seja, de atenuação de risco (Pereira Rosa, 2013:128 apud Kasperson *et al*, 2003:13). **(Figura 2)**

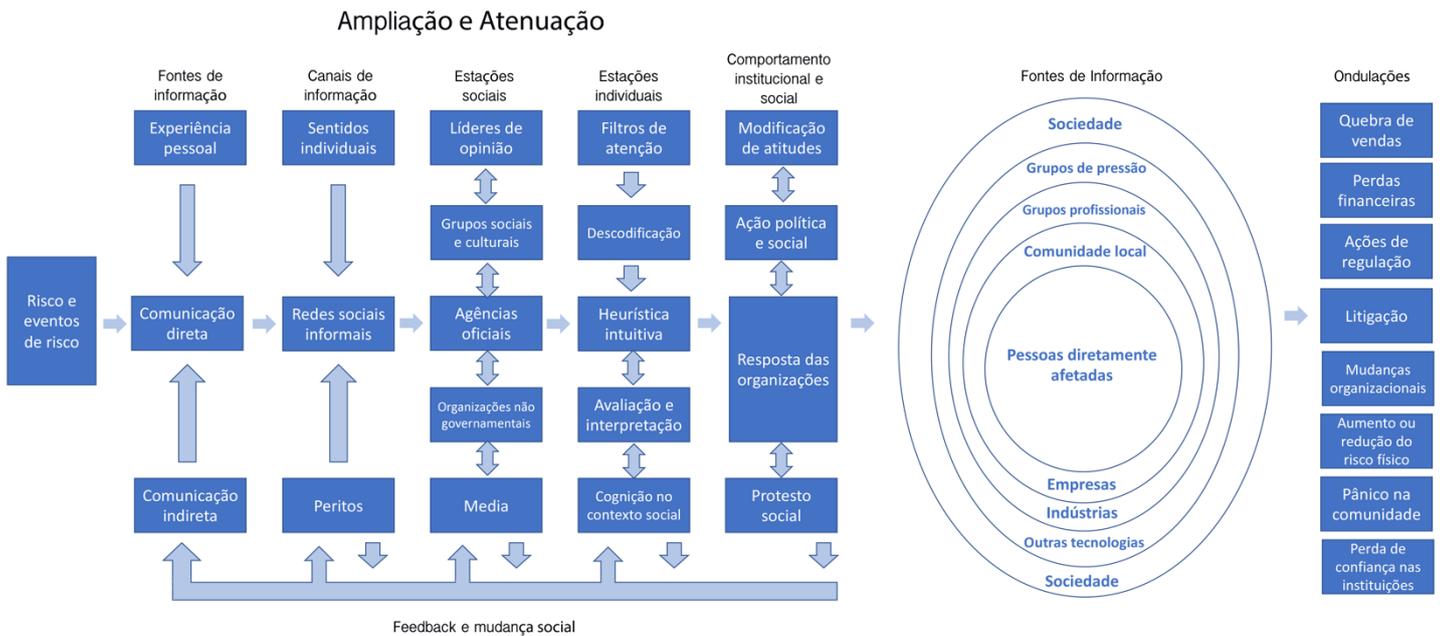


Figura 2: Amplificação e atenuação do risco, de acordo com Kasperson e colegas.

Kasperson e colegas determinaram que, através da experiência pessoal e da comunicação directa e indirecta, um indivíduo ou um grupo têm acesso a informação sobre o risco ou eventos de risco – *os sinais*. Cada agente social dispõe de canais de informação, seja através dos sentidos, de redes sociais informais ou da descodificação por parte de um perito. A informação, filtrada por estes canais, chega então às estações sociais de amplificação ou atenuação. Estações como líderes de opinião, grupos sociais e cultural, agências governamentais e de cidadãos e os media contribuem para a formatação desses sinais, intensificando ou atenuando o volume da mensagem original.

Kasperson e colegas sublinham também o peso das estações individuais, que definem como processo subjetivo de cada individuo individuais que moldam a forma como um agente social determina o grau de risco. Com o olhar nessas estações individuais, os autores geraram os filtros de atenção, a capacidade de descodificar a ocorrência, a heurística intuitiva, a avaliação e interpretação de cada sinal e a cognição no contexto de cada ocorrência. Depois de todas as fases de descodificação da informação, o agente social está preparado de definir o seu comportamento institucional e social de perante um determinado risco. Nesse momento, o agente social pode modificar a sua atitude perante esse risco, envolver-se política ou socialmente, desenvolver respostas no seio de organizações ou optar por integrar protestos sociais (Kasperson *et al*, 1988: 178-187).

Segundo Pereira Rosa (2013:130), um dos contributos inovadores introduzidos pela SARF foi o conceito de ondulação. Nesta ideia, o risco é compreendido como um processo que inicia uma onda de consequências graduais, o mesmo efeito do “deixar cair uma pedra numa lagoa” (Kasperson *et al*, 1988:182). Esse processo pode influenciar apenas grupos diretamente afetados ou ainda produzir impactos económicos, legislativos, políticos ou sociais em setores da sociedade apenas remotamente relacionados ao evento original.

Da perspetiva metodológica, a SARF introduziu o método de camadas no estudo de risco, mostrando que para a medição das ondulações em diferentes níveis institucionais é fundamental recolher indiciadores de várias áreas transversais possivelmente afetadas pelo evento de risco. O processo de perceção não é apenas definido pelos media. Mesmo em casos em que são os meios de comunicação a dar uma “cobertura desproporcionada a riscos” (Kasperson *et al*, 1988:183), a amplificação de risco não é garantida. O fator mais importante acaba por ser a perceção pública da eficácia da gestão do evento de risco.

Acusados de terem dedicado mais tempo aos processos de amplificação dos riscos do que aos de atenuação, anos mais tarde, os autores melhoraram a sua proposta. Deste modo, conceberam uma tipologia de riscos escondidos – os que, apesar das severas consequências que podem originar, não são detectados de forma correta e por isso são descartados.

A SARF teve ainda a capacidade de agregar às consequências físicas de um evento a interação de processos culturais, psicológicos, sociais e institucionais.

3. Ciclos de atenção

Em 1972, o economista Anthony Downs apresentou um modelo que pretendia explicar quando e por quanto tempo o público em geral presta atenção a um problema em particular na sociedade. Tendo em conta que pretendemos analisar o ciclo de atenção de um determinado tema na agenda mediática, é necessário sublinhar as fases de atenção propostas por Downs. (Downs, 1972: 39-41).

A primeira fase é a “fase pré-problema”, e corresponde ao momento correspondendo ao momento em que uma condição social existe, mas que ainda não obteve a atenção do público. A segunda fase, a que o autor dá o nome de “descoberta alarmante e entusiasmos eufórico”, acontece quando o público se torna consciente de um determinado problema, sendo que esta

descoberta alarmante é acompanhada por um entusiasmo eufórico sobre a capacidade da sociedade em resolver o problema. A terceira fase, “percebendo o custo de um progresso significativo”, consiste no reconhecimento de que o custo de uma eventual resolução do problema é elevado. Na fase seguinte, encontramos o “declínio gradual intenso do interesse público”. Segundo Downs, nesta quarta fase, é possível identificar três possíveis reações durante o declínio na atenção: (1) algumas pessoas ficam desanimadas, (2) outras sentem-se ameaçadas pelos problemas e (3) há quem se aborreça com a questão. A quinta e última fase é a “fase pós-problema”, em que o assunto foi substituído no centro mediático, voltando apenas a ter recorrências esporádicas de interesse.

PARTE III

Estudo de caso: A cobertura da covid-19 pela secção de economia e emprego do EURACTIV

Capítulo 3 – Desenho da Investigação e Metodologia

1. A escolha do tema e os objetivos

No dia 31 de dezembro de 2019, a Comissão Municipal de Saúde de Wuhan, na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, relatou um conjunto de casos de pneumonia de origem desconhecida¹⁵.

Nove dias mais tarde, a China reportava ao mundo que um novo coronavírus, nomeado SARS-CoV-2 (o vírus que origina a covid-19), tinha sido a causa dos vários casos de pneumonia.

Nessa altura, estávamos longe de saber o quanto este novo coronavírus iria afetar o nosso mundo, inclusive o jornalismo e o trabalho nas redações. A 11 de março de 2020, o diretor-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus elevou a, na altura, epidemia de covid-19 ao nível de uma "pandemia global".¹⁶

Seguiu-se um longo tempo de confinamento por toda a Europa, com restrições que acabaram por serem levantadas, gradualmente, ao longo dos meses seguintes.

Ao longo desse período, a pandemia confrontou-nos com duas figuras opostas, entre aqueles que estiveram sob pressão e sobrecarregados, como os profissionais de saúde, e aqueles a quem foi pedido para que permanecessem confinados em casa (Zizek, 2020).

Os jornalistas enquadram-se no segundo grupo. Andreas Rosenfelder, jornalista do alemão Die Welt, citado por Slavoj Zizek (2020: 97), refere que existiu algo de heroico na maneira como o jornalismo foi feito após o início da pandemia, em que “toda a gente trabalha noite e dia, a partir de casa, participando em videoconferências ao mesmo tempo que toma conta dos filhos”.

¹⁵ <https://www.ecdc.europa.eu/en/covid-19/timeline-ecdc-response> [consultado em 17/11/2020];

¹⁶ <https://www.dn.pt/mundo/covid-19-oms-admite-que-ameca-de-pandemia-se-tornou-muito-real-11905626.html> [consultado em 17/11/2020];

Para Jorge Valero, editor da secção de Economia e Emprego do EURACTIV, o primeiro confinamento, entre 18 de março e 15 de junho, tratou-se de um “um período muito trabalhoso, com muitas horas, desde manhã bem cedo até à noite, devido à própria cobertura”. Em casa, os jornalistas tiveram uma mudança na sua rotina, num mundo em linha, multiplicando-se em “eventos, reuniões, cimeiras e conferências que se prolongavam até tarde”. (Anexo I)

Por ser um tema de alcance global, devido à ascensão do surto a pandemia, que marcou a agenda em grande escala e proporcionou uma mudança na forma como o jornalismo é feito, considerou-se pertinente realizar uma análise da cobertura jornalística – produção noticiosa centrada num acontecimento, num determinado período de tempo – da covid-19 por parte de um órgão de comunicação social. A escolha do órgão e da secção de Economia e Emprego prende-se à experiência do estágio curricular, que decorreu em Bruxelas (Bélgica).

Em relação à baliza temporal da nossa análise deste caso, optou-se por escolher o período entre os dias 1 de janeiro e 30 de junho de 2020. A escolha da primeira data coincide com a origem dos primeiros casos conhecidos do que na altura era um surto. Já em relação à segunda, a opção recaiu sobre a data em que quase todos os governos europeus decretaram o fim do confinamento, após a primeira vaga da pandemia. Esta data também coincide com um dos meus últimos trabalhos publicados para o EURACTIV.

É do nosso interesse, de ora em diante, proceder à análise de estudo de caso. No entanto, importa elencar as questões que irão orientar a pesquisa. São então:

- Podemos prever como decorre a cobertura jornalística de um acontecimento associado a um risco?
- No momento da pandemia, conseguiu a redação da secção de Economia e Emprego do EURACTIV, em Bruxelas, manter uma perspetiva europeia do assunto?
- Terão as notícias passado pelas cinco fases do ciclo de atenção proposto por Downs?
- Que proporção e evolução teve o tema da covid-19 no quadro da agenda noticiosa da secção de Economia e Emprego do EURACTIV ao longo dos seis meses?

Do ponto de vista da metodologia, entendeu-se proceder a uma análise de conteúdo dos artigos publicados na secção de Economia e Emprego do EURACTIV, tendo como referência as datas já supracitadas, que darão suporte a uma análise quantitativa. De modo a obter uma conclusão mais completa e de confrontar os resultados obtidos na primeira fase, optou-se ainda pela realização de uma entrevista ao editor da secção de Economia e Emprego do EURACTIV,

Jorge Valero. A entrevista e a minha experiência de cerca três meses obtida no âmbito do estágio curricular servirão de base para a conclusão qualitativa.

2. A análise de conteúdo e as variáveis

Para chegar às peças que formaram o corpus deste estudo de caso seleccionámos todos os artigos que constavam na secção de economia e emprego do www.euractiv.com. Foram apenas considerados os artigos em que esta categoria se assumia como a principal – na mesma categoria existiam outros artigos que, apesar de aparecerem ali, tinham outras categorias principais, como a saúde ou o ambiente. Excluídas estas últimas, obteve-se um corpus de 334 artigos, os quais foram alvo de uma análise de conteúdo.

Por análise de conteúdo entende-se a “técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (Berelson citado em Bardin, 1977: 19).

De forma a facilitar a organização e a análise/tratamento dos dados criou-se uma tabela no programa Excel. As primeiras colunas consistiram na data de publicação, autor e a respetiva ligação do artigo. O primeiro parâmetro de categorização foi se a notícia era sobre a covid-19 ou não. Aqui tive de ler os 334 artigos e perceber se o tema principal de cada um deles envolvia a temática da covid-19.

O segundo elemento de avaliação foi o título. O objetivo era verificar se palavras-chave relacionadas com o tema (como covid-19; coronavírus; corona; coronabonds; pandemia; vírus) surgiam em destaque no título.

O terceiro critério avaliado foi a subcategoria em que o artigo foi publicado. Foram encontrados e categorizados os seguintes: sem subcategoria, euro & finanças, comércio & sociedade, concorrência, educação, política regional, futuro do emprego, pagamentos, Europa social, inovação e indústria e transição justa¹⁷.

O parâmetro seguinte prendeu-se com a visão do artigo por parte do autor. Nesta categoria teve-se em conta duas variáveis: a dimensão de assuntos europeus e a dimensão nacional. Em relação à dimensão de assuntos europeus, usou-se a definição utilizada no Relatório da

¹⁷ Tradução livre das seguintes categorias: Euro & Finance, Trade & Society, Competiton, Education, Regional Policy, Future of Jobs, Payments, Social Europe, Innovation, Just Transition

Comissão Europeia sobre a cobertura de Assuntos Europeus (2020:52), composta por dois elementos chave:

- “Um amplo entendimento dos assuntos da UE que inclua temas económicos, políticos sociais comuns a todos os Estados-Membros, bem como processos de tomada de decisão nacionais e regionais que tenham potencial para formar opiniões sobre a UE ou que afetem os seus cidadãos;
- Uma "perspetiva europeia" nas notícias que relatam factos e notícias relativas aos Assuntos Europeus”.¹⁸

Nessa dimensão teve-se ainda em conta ainda as nacionalidades das fontes e o cargo de modo a aferir o nível da dimensão do artigo. Por dimensão nacional entendeu-se utilizar o que se mostrou como o contrário da definição anterior, artigos com uma perspetiva nacional, normalmente com fontes nacionais.

Analisou-se ainda o tipo de imagem escolhida na ilustração do artigo. Separaram-se os tipos de imagem em quatro categorias baseada nos atores e na sua disposição espacial, que continham as suas próprias subcategorias: Atores e instituições políticos (subcategoria: em conferências, reuniões/apresentações, outros locais); Atores civis (subcategorias: ruas / máscara / pormenores covid); Atores e Instituições na área da saúde (subcategorias: hospitais, outros); Atores e instituições na área financeira (subcategorias: empresas, bolsa de valores).

A última categoria teve que ver com as fontes utilizadas no artigo. Neste caso, cada interveniente que foi citado foi considerado uma fonte. Cada artigo pode ter mais do que um interveniente, não havendo um máximo. Neste caso, foram consideradas cinco categorias principais, de onde se retiraram várias subcategorias: **Instituições europeias** (subcategorias: Ursula Van der Leyen; Comissários Dombrowski e Gentiloni; Outro Comissário; Porta Voz Comissão; Charles Michel; David Sassoli; Eurodeputados); **Instituições Nacionais** (subcategorias: Chefes de Governo; Ministro Finanças/Economia; Ministro da Saúde; Outro ministério; Outro político / instituição nacional); **Instituições Financeiras** (subcategorias: Banco Central Europeu; Eurogrupo; Fundo Monetário Internacional; Economistas/Analistas Financeiros; Agências e Bancos); **Civis**: (empresas e população no geral) e **Fonte não identificada**. A partir deste código partiu-se para a análise do estudo de caso.

¹⁸ Tradução livre do relatório da Comissão Europeia.

Capítulo 4 – Análise e discussão dos resultados

Durante os seis meses da análise, 225 dos 334 artigos da secção de Economia e Emprego abordaram a temática da covid-19. É possível observar o aumento das notícias sobre essa matéria noticiosa, desde o momento em que surgiu o surto na China (dezembro de 2019), passando pelo momento em que foi declarada a pandemia – em março de 2020 – até ao final desta análise.

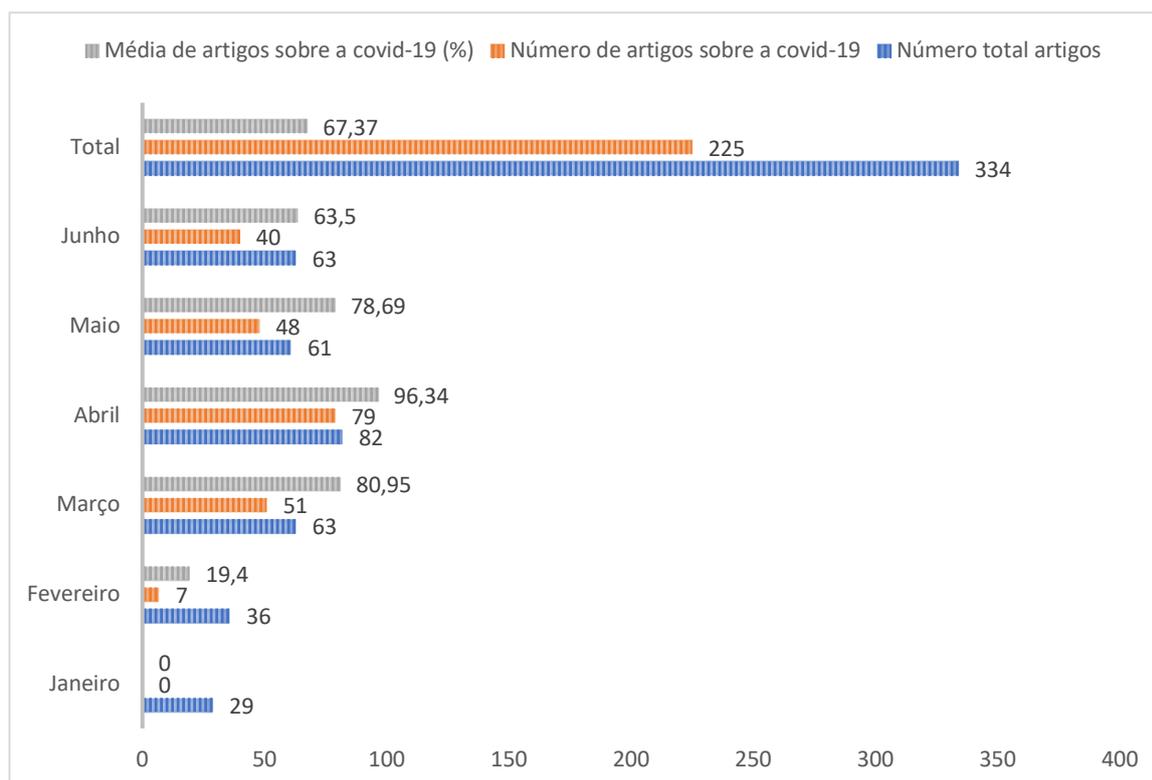


Gráfico 1. Número de artigos produzidos pela secção de economia e emprego do EURACTIV relacionados com a temática da covid-19.

A percentagem da cobertura noticiosa começa a crescer a partir do mês de fevereiro (19% do total de artigos publicados na secção nesse mês) e atinge o seu máximo no mês de abril (96% do total de artigos publicados na secção nesse mês). Nos dois meses seguintes observados, a proporção de notícias diminui para cerca de 79% e 64%, em maio e junho, respetivamente.

Cerca de duas semanas após o primeiro caso de covid-19 confirmado na Europa, a secção de Economia e Emprego do EURACTIV publicou o seu primeiro artigo em que abordou esta temática. Foi no dia 4 de fevereiro e tinha como título o seguinte: “Coronavirus threatens EU-China agreement in 2020”. Durante a entrevista feita após a análise dos dados, Jorge Valero

referiu que na altura ainda não havia a consciência de que este assunto pudesse ter um grande impacto mediático na Europa:

(...) [o artigo tinha] um ângulo chinês. Obviamente, no início, a minha perspetiva era sobre o impacto que o vírus teria na China e no PIB chinês. Nessa altura não pensámos sobre o potencial de propagação para o resto do mundo. Analisámos esse tema mais em termos de como é que isso iria afetar a economia chinesa e a relação da China com o resto do mundo. (Anexo I)

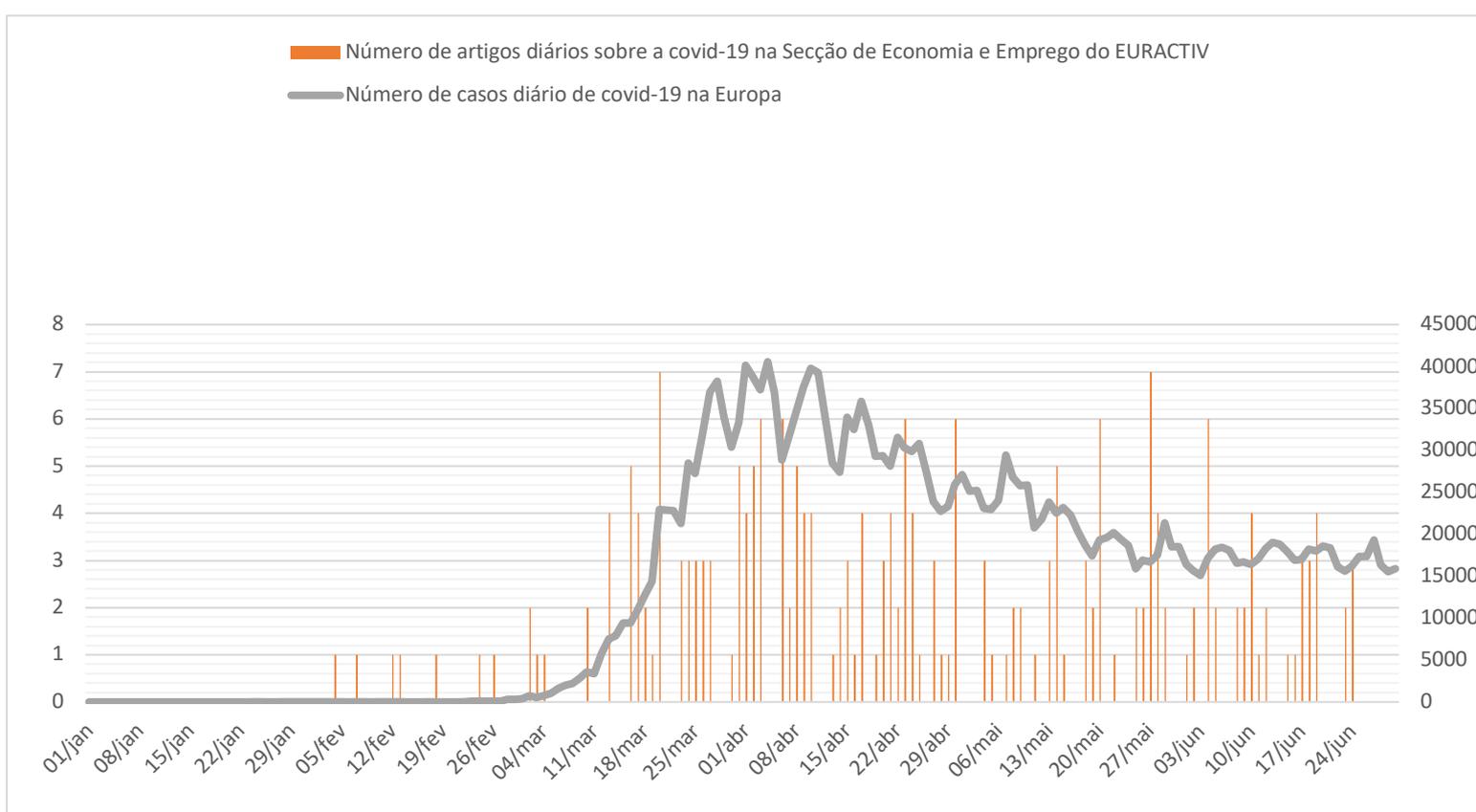


Gráfico 2. Variação diária de artigos e do número de casos de covid-19 na Europa

Tendo como base a proposta teórica de Kasperson e colegas (1988) para analisar processos de ascensão e queda social do risco através da sobreposição de dados distintos, criámos o **gráfico 2** que mostra a variação diária de artigos e do número de casos de covid-19 na Europa, que nos permitir tirar algumas ilações.

A partir de março, em especial após o confinamento ter sido declarado na Bélgica, no dia 18 de março, o nível de atenção e de artigos cresceram. É possível verificar vários picos de

intensidade e também uma maior densidade de artigos a partir desse mês. No dia 20 de março existiram sete artigos sobre a covid-19. Nos dias 3, 6, 23 e 30 existiram seis artigos sobre o tema. Notamos também que a partir de maio essa densidade é menor. No dia 20 e 27 de maio voltamos a ter dois picos de seis e sete artigos, respetivamente. No dia 4 de junho também houve seis artigos sobre o tema.

Segundo Ponte (2007: 242-243), na análise de conteúdos é necessário existir definições rigorosas prévias sobre como entender uma peça sobre risco. Um dos critérios de inclusão/exclusão de conteúdos poderá ser a inclusão da referência ao risco na peça pela sua presença no título.

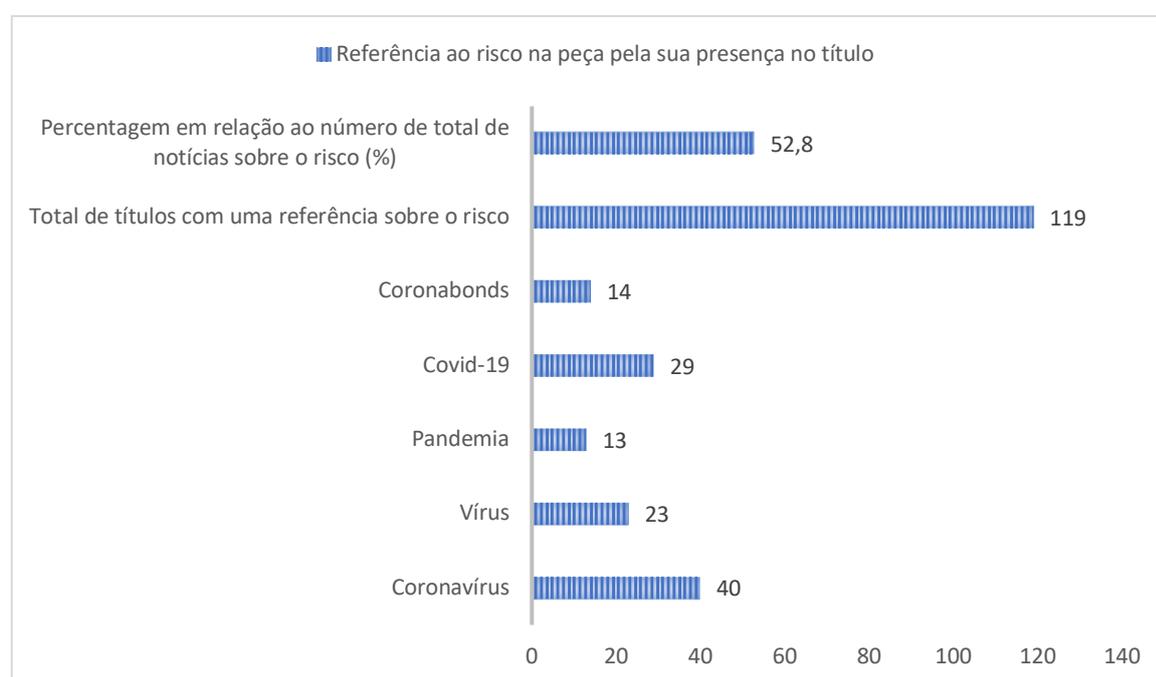


Gráfico 3. Número de referências no título de palavras relacionadas com a covid-19.

Dos 225 artigos sobre o risco, apenas 119 deles incluíam no seu título uma referência ao mesmo. “Coronavírus”, com 40 referências foi a palavra mais utilizada pelos jornalistas da secção de Economia e Emprego do EURACTIV.

“Dombrovskis: EU’s fiscal rules are flexible for impact of coronavirus” (26 de fevereiro), “Coronavirus deaths rise in Italy, government prepares economic support” (2 de março) e “Germany agrees to more cash to shield workers, companies from coronavirus hit” (23 de abril) são alguns exemplos de títulos em que utilizaram uma referência sobre o risco.

Também através do número de referências mensais no título de palavras relacionadas com a covid-19 (**gráfico 4**) é possível observar o processo de ascensão e queda social do risco.

Em março e abril o número de artigos que incluíam uma referência no título sobre o risco era de 38 e 45, respetivamente. Nos dois meses seguintes, maio e junho, esse valor desceu para 18 e 12, respetivamente.

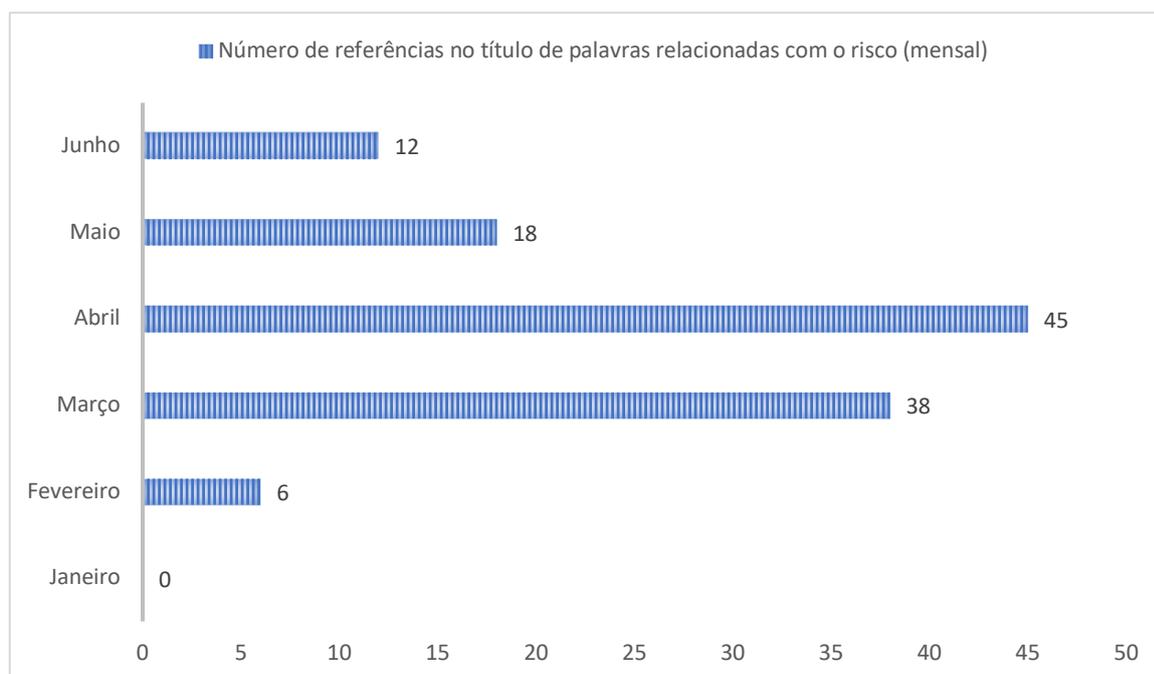


Gráfico 4. Número de referências mensais no título de palavras relacionadas com a covid-19

Para o editor da secção, Jorge Valero, esta diminuição de referências no título sobre o risco foi inconsciente, negando também um possível “cansaço” sobre o tema:

Particularmente, penso que não. Estou contente por ver estes números, pois dá-nos uma perspetiva das coisas que fizemos. Mas não diria que se tratou de *corona-fatigue*. É verdade que no final do dia, talvez, involuntariamente, tendamos a evitar a repetição, porque estamos cansados de escrever sobre o mesmo ou sobre as mesmas coisas. Talvez diga que fomos afetados por essa *corona-fatigue*, mas não tinha consciência de que estávamos a utilizar menos menções em maio. (Anexo I)

Apesar de podermos dizer que existem linhas no sentido de que as histórias sobre a covid-19 tiveram um pico e se encontravam a descer, seguindo o padrão clássico de distribuição de Kitzinger (1997/2002: 32), temos de considerar que em junho essa atenção ainda é elevada e ter em conta que nessa altura ainda existia uma situação de risco. Essa pequena diminuição poderá ser explicada com a entrada de outros temas na agenda noticiosa como a saída de Mário Centeno do governo português (que com essa ação abriu uma corrida ao lugar de presidente do Eurogrupo) e o acordo comercial entre os Estados Unidos da América e a União Europeia. É necessário ter ainda em conta que mais ou menos a meio de junho, a maior parte dos governos europeus anunciaram medidas mais brandas em relação ao confinamento que vinha a decorrer desde março.

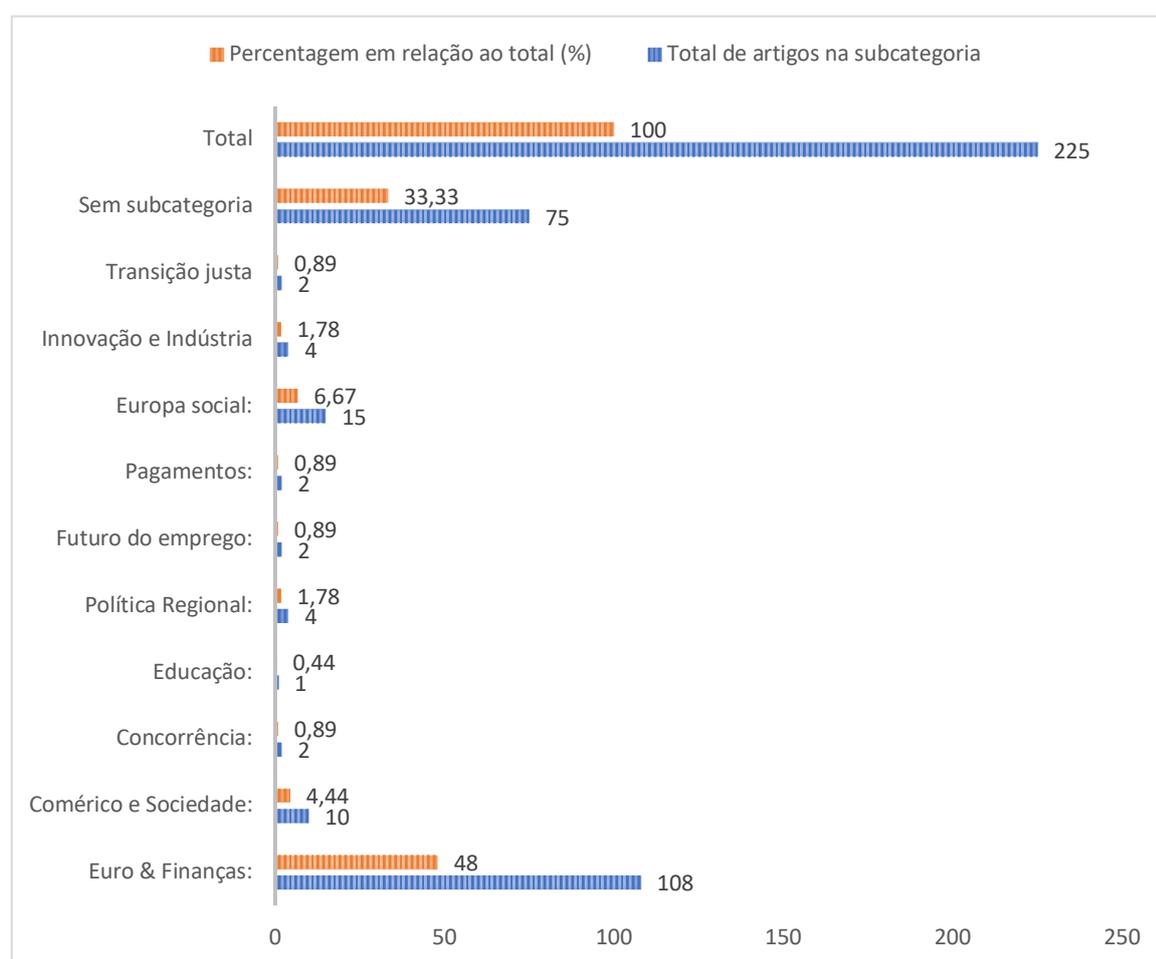


Gráfico 5. Subcategoria em que o artigo foi publicado.

Em relação à subcategoria em que os artigos da secção foram publicados (**gráfico 5**), existem dois elementos que se destacam. Em primeiro lugar, a subcategoria mais selecionada foi a “euro & finanças”, com 108 artigos, ocupando uma fatia de 48% dos 225 artigos sobre o

risco. Em segundo lugar, os jornalistas da secção de Economia e Emprego optaram por não dar qualquer subcategoria a 33,33% dos artigos – o que corresponde a 48 artigos. Uma maior utilização destas categorias é justificada pelo editor da secção pelo facto de, em março, a Comissão Europeia ter lançado a discussão sobre o “instrumento económico” da recuperação europeia.

Outros subcategorias, como a “Europa Social”, que teve apenas 15 artigos, podem ter sido afetadas pela forma como os jornalistas estiveram restringidos na sua mobilidade durante a pandemia, o que não lhes permitiu observar as consequências sociais causadas pelo risco:

(...) o facto de que durante esse período de tempo termos estado confinados afetou a cobertura de assuntos mais sociais, em que precisas de falar com pessoas, relacionar com elas, visitá-las, ir a hospitais, o que quer que fosse. E, nessa altura, não era possível. Houve muitos constrangimentos para os jornalistas. No meu caso, que me foco na vertente mais política, não tive esses problemas, mas para os repórteres sociais foi mais difícil de escrever e de cobrir esse tipo de casos. (Anexo I)

As restantes subcategorias ficam muito para trás, o que significa que não houve um foco muito grande em áreas como a competição, a transição justa e os pagamentos, por exemplo, que tiveram apenas dois artigos cada. Apesar de tudo, Jorge Valero explica que as escolhas das subcategorias são subjetivas e ficam ao critério do jornalista que as coloca na plataforma:

É verdade que por vezes a etiquetagem das notícias não é tão clara. Se olharmos para a forma como apresentamos a tabela e como etiquetamos as histórias, foi sempre sob o separador do coronavírus. Eu diria que usámos mais a secção de “Economia e Emprego” e a subcategoria “euro & finanças” porque se tratava do instrumento económico. Mas claro que isto é apenas um ponto de vista subjetivo. A decisão foi minha. Penso que o ponto de vista económico da cobertura era importante porque na altura estava-se a discutir o impacto económico, as consequências económicas e de como lidar com essas consequências. Embora existisse uma crise social em curso, e também uma crise de saúde, o próprio conteúdo das notícias que estávamos a relatar era mais sobre a economia. (Anexo I)

O EURACTIV tem como objetivo comunicar para um público europeu. No entanto, essa visão dos artigos poderia estar comprometida pelo facto de cada jornalista “trazer a sua nação consigo” no momento de cobrir os assuntos europeus (Lloyd et Marconi, 2014).

No momento de informar sobre a covid-19, a secção de Economia e Emprego do EURACTIV conseguiu manter na sua visão dos artigos uma dimensão europeia. Na nossa análise, 185 dos 225 artigos sobre o risco assumiram uma dimensão de assuntos europeus. Assim, apenas cerca de 18% dos artigos tiveram uma visão nacional do risco, como é possível verificar no **gráfico 6**. Normalmente, os artigos que tinham uma visão nacional chegavam de outras redações, como a de Berlim ou de Paris.

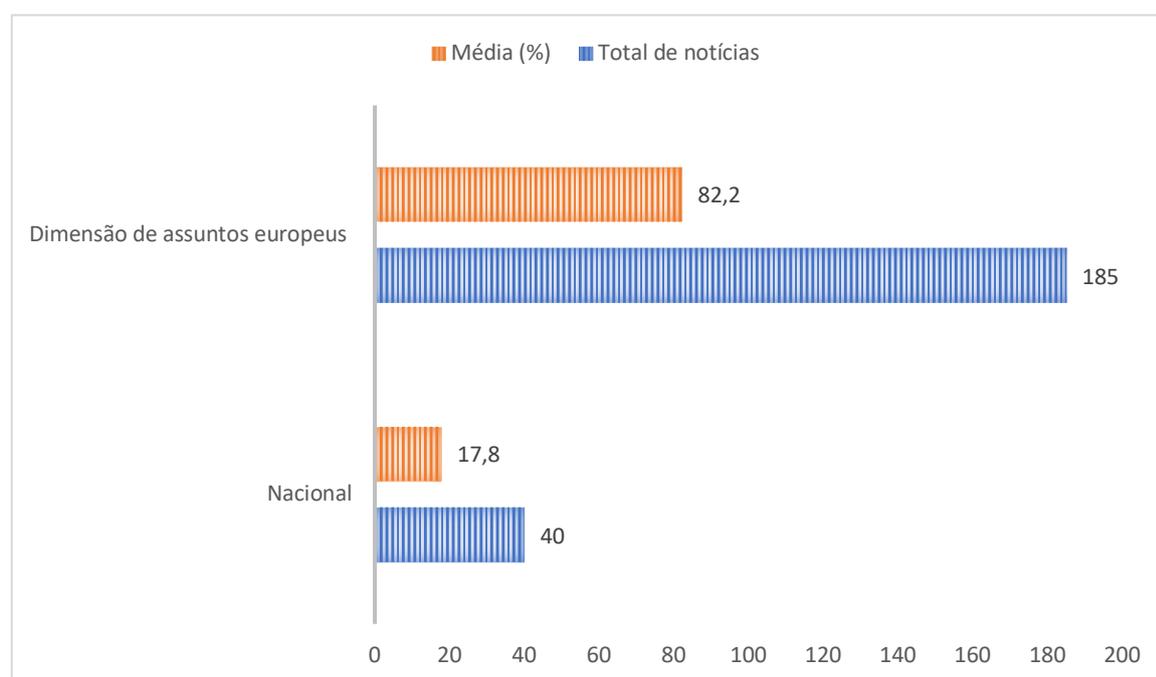


Gráfico 6. Visão das notícias.

Generalizações sobre o que é mostrado na imprensa exigem provas observáveis, mais ou menos objetivas. As imagens trazem conotações e convidam à reminiscência individual (Kress, G. et van Leeuwen, T., 1996/2006).

Para ilustrar os 225 artigos sobre a covid-19, a escolha da equipa do EURACTIV recaiu maioritariamente sobre atores e instituições políticos. Cerca de 60% dos artigos foram ilustrados com imagens de políticos em conferências, reuniões ou em outras situações, como a utilizada no artigo de 20 de maio, “‘Frugal Four’ working on counter-proposal to Franco-German recovery fund”, em que o Chanceler austríaco, Sebastian Kurz, encontra-se a entrar

numa viatura. A frase de Aguiar (2015), em que refere que “a economia é política”, neste caso também se aplica às imagens.

A segunda categoria mais utilizada foi a dos “Atores civis”, que incluía imagens de civis utilizando máscaras (e.g. “Spain marks month in lockdown as recession warnings grow”, 20 de maio), ruas (e.g. “Italy death toll jumps past 1,000 as Milan bourse nose dives”, 15 de março) e pormenores das medidas tomadas contra a covid-19 (e.g. “Limitations of economic forecasting during coronavirus pandemic”, 3 de abril).

Na secção de economia e emprego do EURACTIV, as imagens de atores e instituições na área da saúde são quase inexistentes, havendo apenas cinco referências.

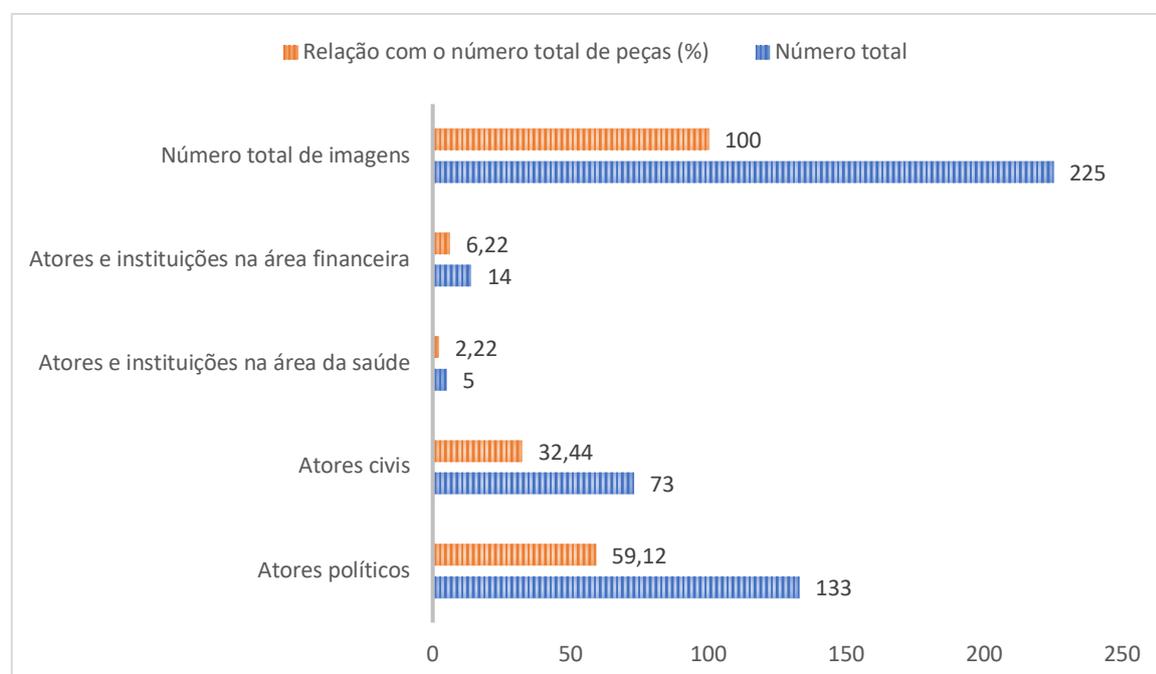


Gráfico 7. Atores nas imagens utilizadas para ilustrar os artigos sobre a covid-19.

Na maior parte das vezes, o jornalista que cobre assuntos sobre economia está a escrever sobre política (Martins, 2005). Para o editor da secção de Economia e Emprego do EURACTIV, o tema restringe a possibilidade de fotografia, justificando dessa forma a falta de imagens de atores e de instituições na área da saúde durante o período da covid-19:

As fotografias que utilizamos para este tipo de cobertura são, na sua maioria, imagens fornecidas pelas instituições da UE. Quando cobres negociações não é como se cobrisses uma reportagem de rua ou artigo social. Quando cobrimos negociações, as

possibilidades de fotografia são mais limitadas, digamos, em termos da escolha. No final do dia, usamos sempre retratos dos próprios políticos ou das negociações como a cimeira, reunião ou o que quer que seja. (Anexo I)

Em relação às fontes utilizadas nos artigos, a presença de instituições e atores europeus e nacionais, com 119 e 190 referências, respetivamente, é muito significativa – em conjunto formam 65,75% das fontes utilizadas nos artigos (**gráfico 8**).

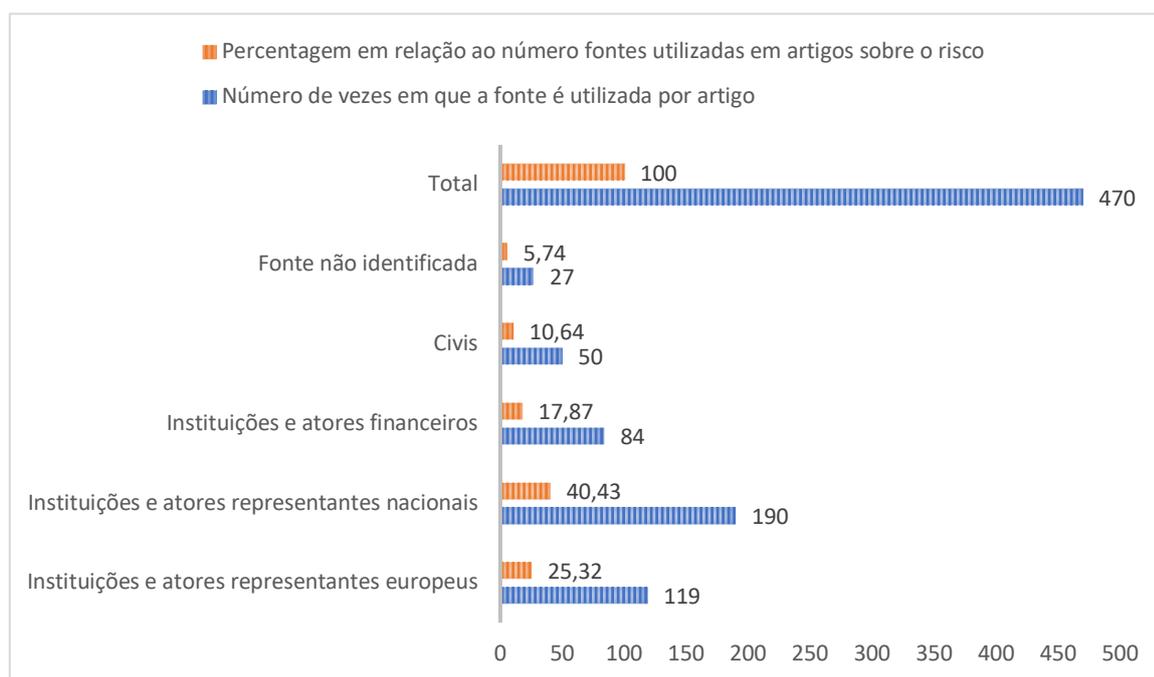


Gráfico 8. Fontes utilizadas em artigos sobre o risco.

A presidente da Comissão Europeia, Ursula van der Leyen, assumiu-se como a fonte mais citada pelos jornalistas do EURACTIV, surgindo em 20 artigos. Charles Michel, presidente do Conselho Europeu, surge em oito artigos. Já o presidente do Parlamento Europeu, David Sassoli, não foi ouvido uma única vez. Jorge Valero justifica a falta de voz do Parlamento por este não ter tido um “papel importante” durante a estruturação do fundo financeiro de recuperação para fazer face à pandemia.

Em relação aos chefes de governo dos países da União Europeia, em conjunto têm 63 referências. No entanto, nem todos os representantes governativos tiveram voz durante o tempo analisado – os primeiros-ministros da Estónia, da Roménia, do Chipre e da Bulgária, por

exemplo, não serviram de fonte em qualquer artigo. Apesar disso, Jorge Valero defende que as fontes utilizadas na elaboração dos artigos foram as mais apropriadas:

(...) as fontes que utilizámos foram as que eram relevantes para as histórias que estávamos a escrever. Não temos de cobrir todas as fontes. Por exemplo, no caso do debate mais marcante para a UE na altura, sobre o fundo de recuperação e sobre o mecanismo de estímulo e apoio aos estados-membros, aí tentámos sempre mostrar as duas posições, ou os dois campos principais. Digamos que eram os campos francês, italiano e espanhol. Assim, incluímos sempre ambos os lados, mesmo que essa informação não seja atribuída a ninguém, consultamos sempre em *off* para obter as suas opiniões sobre a história. (Anexo I)

Apesar de a comunicação daquilo que evoluiu para uma pandemia ser um tema complexo, Jorge Valero, editor da secção de economia e emprego do EURACTIV, referiu que a experiência na cobertura da crise económica de 2008-2012 permitiu que a equipa estivesse mais preparada na cobertura da evolução da covid-19:

(..) uma vez que se tratava de uma crise em rápida evolução, com muitos ângulos diferentes, tentámos cobrir o máximo possível, tendo sempre em mente todas as potenciais ligações entre as diferentes políticas, como o comércio, macroeconomia ou a banca, por exemplo.

O que fizemos, na verdade, não foi pensar em termos de crise sanitária ou pandémica anterior, mas sim em termos de comparação com a crise económica anterior. Assim, quando se falou do estímulo necessário para relançar a economia já em março, começámos já a pensar na estratégia de saída desse estímulo, que é agora o grande tema [outubro 2020]. Sei que foi o grande tema em 2008-2012, durante a crise passada, porque precisamente a retirada antecipada do estímulo, nessa altura, provocou uma segunda recessão em 2012. (Anexo I)

No entanto, na cobertura da pandemia, a equipa passou por algumas dificuldades, nomeadamente com a ausência de conhecimento sobre a matéria noticiosa, mas também na própria maneira de cobrir os acontecimentos. No dia 18 de março foi declarado o confinamento obrigatório em todo o território belga, sede da redação do EURACTIV, o que causou mudanças na rotina da redação, principalmente nas questões de mobilidade e na relação e no contacto com as fontes, como explica Jorge Valero:

(...) foi um período muito trabalhoso, com muitas horas, desde manhã bem cedo até à noite, devido à própria cobertura. Passamos a ter muitos eventos, reuniões, cimeiras, conferências, que se prolongavam até tarde. E na altura tínhamos tantas coisas a acontecer ao mesmo tempo. Por isso foi um período muito intenso.

(...) [Em relação ao contacto com as fontes], contactei-os via telemóvel e também via correio eletrónico. Mas principalmente através do telemóvel. Antes, claro, estava com eles frente a frente. Ia ao café ou tomar um copo. Durante o confinamento, tudo passou a ser tratado através do *Whatsapp* ou do e-mail. É verdade que o facto de os contactar desta maneira, não tendo acesso direto a eles, não é o ideal. No meu caso, a parte boa é que eu tenho já uma relação sólida com os meus contactos. Não eram contactos que eu precisasse de estabelecer. (Anexo I)

CONCLUSÃO

A cobertura noticiosa de um evento de risco como o surto da covid-19, que mais tarde foi declarado como uma pandemia, foi o pontapé de partida desta análise sobre a perceção social e dos órgãos de comunicação social de notícias sobre este tipo de matérias. De acordo com os resultados obtidos, é possível observar que os assuntos relacionados com a temática da covid-19 dominaram grande parte da cobertura da secção de economia e emprego do EURACTIV.

Na página 24 deste relatório, enunciámos as quatro questões a que iríamos tentar responder com este estudo de caso. Para cada uma delas, tentaremos explicar os resultados obtidos e as conclusões a que chegámos:

1. Podemos prever como decorre a cobertura jornalística de um acontecimento associado a um risco?

Como referido por Serra (2006:4), a comunicação de risco tem nos meios de comunicação um instrumento central. Segundo Ponte (2007), a cobertura e o interesse revelado por parte dos jornalistas de uma situação de risco poderão ser influenciados por diversos fatores, como o grau de proximidade cultural, política ou geográfica da ameaça a si mesmos e às suas audiências. A atividade das fontes em relação à situação é também um fator em conta, tal como a agenda jornalística e a saturação de um determinado evento, podendo contribuir para a amplificação ou atenuação de um determinado risco.

A evolução da covid-19, de um surto numa província chinesa em dezembro de 2019 para uma pandemia em março de 2020, enquadra-se no tipo de problemáticas associadas à sociedade de risco. Esses riscos acabam por não ser visíveis numa primeira fase, sendo depois interpretados pelos cientistas. É importante ainda referir que esses riscos afetam todas as camadas da sociedade. Neste caso, tratou-se de um evento imprevisto, sem referências comparáveis recentes.

A noticiabilidade da covid-19 na secção de Economia e Emprego do EURACTIV surgiu apenas no dia 4 de fevereiro de 2020 (data da publicação do primeiro artigo sobre o tema), apesar dos primeiros casos terem começado a surgir na UE no dia 24 de janeiro de 2020.

O impacto que o acontecimento de risco estava a ter na China, com cerca de 80 mil casos¹⁹ confirmados, levou a que a secção de Economia e Emprego do EURACTIV se indagasse sobre as consequências do vírus nas relações económicas entre a China e a UE. No entanto, como referiu Jorge Valero (Anexo I), na altura, “não havia a consciência de que este assunto pudesse ter um grande impacto mediático na Europa”.

Este romper da normalidade e a proximidade geográfica da ameaça fez desta matéria noticiável, tendo sido alimentada por políticos e economistas. No caso da secção de Economia e Emprego do EURACTIV, o assunto começou a ser pensado não em termos de crise sanitária ou pandémica anterior, mas sim em termos de comparação com a crise económica anterior. Isto deveu-se à experiência do editor Jorge Valero na cobertura da crise económica de 2008-2012. Segundo o jornalista (Anexo I), quando na altura se falou do estímulo necessário para relançar a economia em março, a secção começou já a pensar na estratégia de saída desse estímulo, que acabou por ser o grande tema a partir de setembro/outubro de 2020.

No entanto, é preciso sublinhar a imprevisibilidade da evolução deste evento, bem como as dificuldades encontradas na comunicação por parte das entidades oficiais numa fase inicial. Como refere Jorge Valero (Anexo I), o facto de na altura se tratar de uma crise sem precedentes e em rápida evolução, fez com que existisse alguma dificuldade em comunicá-la da melhor forma por parte das entidades oficiais.

É importante também relembrar que a declaração em março por parte da OMS conferiu uma importância global ao acontecimento. Este evento foi sentido por todos os estratos sociais, etários e profissionais – incluindo os jornalistas, que passaram a estar em regime de teletrabalho, o que pode ser traduzido como uma aproximação à temática e que poderá explicar os níveis de cobertura nos meses seguintes.

2. No momento da pandemia, conseguiu a redação da secção de Economia e Emprego do EURACTIV, em Bruxelas, manter uma perspetiva europeia do assunto?

Durante a pandemia foi possível observar que a redação da secção de Economia e Emprego do EURACTIV conseguiu manter uma perspetiva europeia do evento, afastando-se da visão de Lloyd e Marconi (2014: 5), não olhando para os artigos apenas de uma perspetiva

¹⁹ https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200226-sitrep-37-covid-19.pdf?sfvrsn=2146841e_2 [consultado em 08/01/2021]

nacional. Cerca de 80% dos artigos analisados apontaram para uma visão que incluía um amplo entendimento dos assuntos da UE numa perspetiva comum a todos os Estados-Membros. Desta forma, é possível dizer que a secção de Economia e Emprego esteve em linha com a visão pan-europeia do próprio EURACTIV, na tentativa de comunicar para um público europeu.

Fazendo uso da minha experiência na redação, essa visão foi-me também lembrada pelo Jorge Valero, aquando da saída de Mário Centeno do governo português. O editor da secção fez questão de me direcionar para uma visão de assuntos europeus (neste caso orientada para a corrida que se estava a iniciar para o lugar de presidente do Eurogrupo).

Correspondente para o espanhol *El Economista*, Jorge Valero (Anexo I) refere também que quando escreve para o EURACTIV nunca tem um ângulo espanhol, a não ser que o que esteja a escrever afete especialmente a Espanha ou que o país seja o protagonista da história. Esta declaração é corroborada pelo resultado alcançado na análise.

Em relação aos artigos que foram analisados como tendo uma visão nacional, é importante referir que a maior parte chegaram de jornalistas de outras redações do EURACTIV – de Berlim e Paris, por exemplo. Esta questão poderá explicar essa visão mais alemã ou francesa desses artigos publicados na secção de Economia e Emprego.

3. Terão as notícias passado pelas cinco fases do ciclo de atenção proposto por Downs?

Após a análise dos resultados obtidos no estudo de caso deste relatório, é possível verificar que as notícias apenas passaram por quatro das cinco fases do ciclo de atenção proposto por Downs.

No momento em que termina a nossa análise, junho de 2020, o tema ainda ocupa uma quota relevante da agenda noticiosa da secção (63,5%), apesar de se encontrar numa fase de declínio em comparação com os meses anteriores. Com a análise, é possível também observar uma diminuição das referências ao vírus nos títulos dos artigos a partir de maio, talvez justificada por algum “cansaço” do tema, mesmo que inconsciente, como referido pelo Jorge Valero (Anexo I).

A quinta e última fase do ciclo de atenção proposto por Downs é a “fase pós-problema”, na qual o assunto é substituído no centro mediático, voltando apenas a ter recorrências

esporádicas de interesse. Tendo em conta os resultados, não é possível afirmar que estamos numa fase pós-problema.

4. Que proporção e evolução teve o tema da covid-19 no quadro da agenda noticiosa da secção de Economia e Emprego do EURACTIV ao longo dos seis meses?

É inequívoco o domínio que a temática da covid-19 teve na secção de Economia e Emprego do EURACTIV após o acontecimento de risco ter sido declarado como uma pandemia. Em abril, por exemplo, cerca de 96% dos artigos da secção foram sobre este evento. Durante o período avaliado, é possível verificar uma ascensão da cobertura do tema entre fevereiro e abril. Nos meses seguintes, mesmo apesar da situação de risco se manter, podemos observar um declínio do ciclo de atenção, causado pela entrada de outros temas na agenda noticiosa – como a saída de Mário Centeno do Eurogrupo e o acordo de comércio entre os Estados Unidos da América e a União Europeia. No entanto, a dimensão da cobertura ainda é considerável em maio e em junho, ocupando cerca de 80% e 60% da agenda da secção.

“Jornalismo é olhar em frente” (Basile, 2020:106). Esperamos com este relatório ajudar na reflexão sobre a cobertura de eventos de risco.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES, TABELAS E GRÁFICOS

Ilustrações

Figura 1- Exemplo de um artigo publicado no âmbito de uma parceria.....	11
Figura 2 - Amplificação e atenuação do risco, de acordo com Kaspersen e colegas	20

Tabelas

Tabela 1 - Representações da rede do EURACTIV e Media Partners.....	6
---	---

Gráficos

Gráfico 1 - Número de artigos produzidos pela secção de economia e emprego do EURACTIV relacionados com a temática da covid-19.....	27
Gráfico 2 - Variação diária de artigos e do número de casos de covid-19 na Europa.....	28
Gráfico 3 - Número de referências no título de palavras relacionadas com a covid-19.....	29
Gráfico 4 - Número de referências mensais no título de palavras relacionadas com a covid-19.....	30
Gráfico 5 - Subcategoria em que o artigo foi publicado.....	31
Gráfico 6 - Visão das notícias.....	33
Gráfico 7 - Atores nas imagens utilizadas para ilustrar os artigos sobre a covid-19.....	34
Gráfico 8 - Fontes utilizadas em artigos sobre o risco.....	35

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, N. (2015). *Os números da nossa vida: o que está por trás das estatísticas e indicadores económicos que nos governam*. Lisboa: A esfera dos livros

BAISNÉE, O. (2002). “*Can Political Journalism Exist at the EU Level?*” em KUHN, R. e NEVEU, E. *Political Journalism*. Londres: Routledge, Londres, pp. 108-127

BARDIN, L. (1977/2000). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70

BASILE, S. (2002). *Elementos do Jornalismo Económico*. Rio de Janeiro: Editora Campus

COMISSÃO EUROPEIA (2020). *Media coverage of European Affairs*. [em linha] [Acedido em novembro de 2020]. Disponível em <https://ec.europa.eu/digital-single-market/en/news/media-coverage-european-affairs-final-report>

DOWNS, A. (1972). *Up and Down with Ecology-the Issue-Attention Cycle*. pp. 38-50 [em linha] [Acedido em novembro de 2020]. Disponível em https://fbaum.unc.edu/teaching/articles/Downs_Public_Interest_1972.pdf

HALLIN, D. C. e MANCINI, P. (2004). *Comparing Media Systems: Three Models of Media and Politics*. Cambridge: Cambridge University Press

INNERARITY, D. (2016). *A política em tempos de indignação*. Alfragide: D. Quixote

KASPERSON, R. E., RENN O., SLOVIC, P., BROWN H. S., EMEL, R., GOBLE, R. e KASPERSON, J. X. (1988) “*The Social Amplification of Risk A Conceptual Framework*” Risk Analysis, volume 8, n. ° 2, pp. 178-187

KITZINGER, J. e REILLY, J. (1997/2002). *Ascensão e Queda de Notícias de Risco*. Coimbra: Minerva Coimbra.

KOVACH, B. e ROSENTIEL, T. (2001). *Os elementos do jornalismo*. Porto: Porto Editora

KRESS, G. e VAN LEEUWEN, T. (1996/2006). *Reading Images: The grammar of visual design*. Nova Iorque: Routledge

LEWIS, S. (2020). “*The objects and objectives of journalism research during the coronavirus pandemic and beyond*” *Digital Journalism*, volume 8, n. ° 5, pp. 681-689 [em linha] [Acedido em outubro de 2020] Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21670811.2020.1773292>

LHAYANI, N. (2007). *L'évolution des structures d'information consacrées à L'Union européenne sur internet: l'expérience d'EurActiv*, *Horizons stratégiques*, 6, pp. 48-55 [em linha] [Acedido em novembro de 2020] Disponível em <https://www.cairn.info/revue-horizons-strategiques-2007-4-page-48.htm>

LLOYD, J. e MARCONI, C. (2014). *Reporting the EU: News, media and the European Institutions*. Londres: I.B. Tauris & Co, Ltd.

LOZANO ASCENCIO, C. (2009). “*Periodismo de catástrofes: La actualidad informativa como fuente de incertidumbres*” em MORENO CASTRO, C. *Comunicar los riesgos. Ciencia y tecnología en la sociedad de la información*. Madrid: Biblioteca Nueva, pp. 231-248 [em linha] [Acedido em outubro de 2020] Disponível em <http://scienceflows.com/wp-content/uploads/2015/12/Comunicar-los-riesgos-13-Periodismo-de-catastrofes.pdf>

MARTINS, C. (2005). “*Uma fronteira ou o jornalismo económico como forma de conhecimento especializado*” *Revista Caleidoscópio*, 5/6, pp. 225-231

ÖRNEBRING, H. (2009). *Comparative European Journalism: The State of Current Research*. Reuters Institute of Journalism [em linha]. [Acedido em outubro de 2020]. Disponível em <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/comparative-european-journalism>

PEREIRA ROSA, G. (2013) *Os novos riscos nas notícias: a construção social do naufrágio do Prestige e da pandemia de gripe A*. Tese de Doutoramento em Sociologia. ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa [em linha]. [Acedido em setembro de 2020]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/6080>

PONTE, C. (2007). “*Noticiando Riscos: A intervenção dos media na construção de risco(s)*” *Revista de Comunicação e Linguagens*, 38, pp. 239-248.

RAEYMAECKERS, K., COSIJN, L. e DEPREZ, A. (2007). “*Reporting the European Union: An analysis of the Brussels press corps and the mechanisms influencing the news flow*” *Journalism Practice*, volume 1, pp. 102-119

RIVAS-DE-ROCA-GARCÍA, R. (2018) “*Informar sobre Europa em la era «smartphone»: el caso práctico de EURACTIV*” X Congreso Internacional de Ciberperiodismo, Bilbao, pp. 180-197

SERRA, P. (2006). *Os riscos da comunicação na comunicação de riscos*. [em linha]. [Acedido em novembro de 2020]. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-riscos-da-comunicacao.pdf>.

SIASPERA, E. (2005) “*EU Correspondents in Brussels: Between Europe and the Nation State*” em HERRMANN, T. e BREWER, M. B. *Transnational Identities: Becoming European in the EU*. Lanham: Rowman and Littlefield. pp-129-159

ZIZEK, S. (2020). *A pandemia que abalou o mundo*. Lisboa: Relógio D’água

ANEXOS

1. Anexo I

Entrevista a Jorge Valero, editor da secção “Economia e Emprego” do EURACTIV e correspondente em Bruxelas do El Economista (Espanha)²⁰

Como foi o primeiro contacto com o caso do surto de covid-19? Como é que te chegou a notícia?

O meu primeiro contacto com a covid-19 foi quando estava a cobrir o Fórum de Davos, na Suíça [21-24 de Janeiro de 2020]. Na altura, estava com a minha colega Beatriz [Ríos] e lembro-me que desde o início temi que isto se poderia tornar num grande surto, quando o presidente Xi Jinping afirmou que a pandemia, na altura o vírus, se estava a propagar mais rapidamente do que inicialmente se pensava.

Cerca de três semanas após o primeiro caso confirmado na Europa, escreveste um artigo sobre o coronavírus na secção de economia e emprego. Foi no dia 4 de fevereiro e tinha como título "Coronavírus ameaça o acordo UE-China em 2020". Quando é que começaste a perceber que este seria também um tópico para esta secção?

Neste artigo que mencionaste, claramente que havia um ângulo chinês. Obviamente, no início, a minha perspectiva era sobre o impacto que o vírus teria na China e no PIB chinês. Nessa altura não pensámos sobre o potencial de propagação para o resto do mundo. Analisámos esse tema mais em termos de como é que isso iria afetar a economia chinesa e a relação da China com o resto do mundo.

E nessa altura começou a haver algum tipo de preparação para abordar este assunto? Estou a falar de análise de surtos/pandemias anteriores, que vos ajudou a se prepararem para monitorizar o impacto económico que o vírus poderia causar.

Bem, para ser franco, não fizemos nenhum trabalho especial de preparação. Basicamente, uma vez que se tratava de uma crise em rápida evolução, com muitos ângulos diferentes, tentámos

²⁰ Tradução livre da entrevista conduzida em inglês a 12/10/2020

cobrir o máximo possível, tendo sempre em mente todas as potenciais ligações entre as diferentes políticas, como o comércio, macroeconomia ou a banca, por exemplo. O que fizemos, na verdade, não foi pensar em termos de crise sanitária ou pandémica anterior, mas sim em termos de comparação com a crise económica anterior. Assim, quando se falou do estímulo necessário para relançar a economia já em março, começámos já a pensar na estratégia de saída desse estímulo, que é agora o grande tema [outubro 2020]. Sei que foi o grande tema em 2008-2012, durante a crise passada, porque precisamente a retirada antecipada do estímulo, nessa altura, provocou uma segunda recessão em 2012.

Olhando um pouco para as mudanças desencadeadas pelo confinamento, quando é que começaste a trabalhar a partir de casa?

Para ser sincero, tinha ido a Espanha, penso que na primeira semana de março. No fim-de-semana de 8 de março. Assim que voltei a Bruxelas, porque a situação já se encontrava bastante mal em Espanha, voluntariamente autoconfinei-me. Na altura disse ao EURACTIV que a situação estava a piorar e recomendei que todos fossem para casa.

Mas na semana seguinte ainda havia gente no escritório...

Sim. Inicialmente o EURACTIV não tomou essa decisão, mas assim que as autoridades belgas anunciaram o confinamento, o EURACTIV seguiu essas recomendações.

E que mudanças e que dificuldades enfrentaste a partir dessa altura? O que mudou na tua rotina?

Bem, foi um período muito trabalhoso, com muitas horas, desde manhã bem cedo até à noite, devido à própria cobertura. Passamos a ter muitos eventos, reuniões, cimeiras, conferências, que se prolongavam até tarde. E na altura tínhamos tantas coisas a acontecer ao mesmo tempo. Por isso foi um período muito intenso.

Algum ponto positivo?

A parte boa foi que tive a oportunidade de trabalhar a partir da minha varanda, que é uma coisa muito boa (risos). Durante aqueles meses, entre março e junho, o tempo esteve ótimo.

Antes do confinamento, costumavas ir ao briefing da Comissão às 12:00, certo?

Sim, costumava fazê-lo. Quer dizer, seguia regularmente.

E após o confinamento, continuaste a acompanhar virtualmente? Houve alguma mudança?

Continuei. Logo no início, houve um problema, porque não podíamos fazer perguntas no momento. Levantei essas questões algumas vezes no Twitter e até durante a conferência de imprensa propriamente dita.

E resolveram essa questão?

Sim. Na altura, o porta-voz da Comissão disse que já estavam a trabalhar num sistema que nos permitisse fazer perguntas diretamente. É esse o sistema que se encontra em vigor no momento.

Em relação ao teu contacto com as fontes. Que mudanças existiram na tua rotina? Tiveste alguma dificuldade?

Contactei-os via telemóvel e também via correio eletrónico. Mas principalmente através do telemóvel. Antes, claro, estava com eles frente a frente. Ia ao café ou tomar um copo. Durante o confinamento, tudo passou a ser tratado através do *Whatsapp* ou do e-mail. É verdade que o facto de os contactar desta maneira, não tendo acesso direto a eles, não é o ideal. No meu caso, a parte boa é que eu tenho já uma relação sólida com os meus contactos. Não eram contactos que eu precisasse de estabelecer. Nesse sentido isso foi bom para mim. Já existe uma relação de confiança.

Olhando para as fontes utilizadas nos artigos, entre janeiro e junho é possível notar uma falta de pluralidade nos atores políticos.

Em que sentido?

Por exemplo, o primeiro-ministro romeno ou cipriota, ou mesmo outros atores políticos desses países, nunca foram utilizados como fontes durante esse tempo. É uma coincidência?

Basicamente, as fontes que utilizámos foram as que eram relevantes para as histórias que estávamos a escrever. Não temos de cobrir todas as fontes. Por exemplo, no caso do debate mais marcante para a UE na altura, sobre o fundo de recuperação e sobre o mecanismo de estímulo e apoio aos estados-membros, aí tentámos sempre mostrar as duas posições, ou os dois campos principais. Digamos que eram os campos francês, italiano e espanhol. Assim, incluímos sempre ambos os lados, mesmo que essa informação não seja atribuída a ninguém, consultamos sempre em *off* para obter as suas opiniões sobre a história.

Entre as instituições europeias, destacam-se a Presidente da Comissão Europeia e os Comissários Europeus Gentiloni e Dombrowski. Há também referências a Charles Michel [Presidente do Conselho Europeu]. No entanto, David Sassoli [Presidente do Parlamento Europeu] não é tido em conta como fonte. Terá isto que ver com a importância ou o poder de decisão destes atores políticos?

Sim, de facto, durante esse tempo o parlamento não desempenhou um papel importante e eles próprios o aceitaram. Estavam cientes disso. Foi sobretudo um processo liderado pela Comissão, ou pelos Estados-membros, mas agora o parlamento está de facto a desempenhar um papel importante nas negociações do Quadro Financeiro Plurianual, nas negociações do Estado de Direito e noutras questões relacionadas com o fundo de recuperação, como a legislação sobre o estímulo de recuperação. E sim, neste caso estamos a contactar muito o parlamento. Não só com o David Sassoli, mas também com os negociadores do parlamento, o porta-voz do parlamento e fontes parlamentares. Por exemplo, agora, quando procuro por fontes relevantes nas minhas histórias, incluo sempre o Conselho e os Estados-membros e o parlamento.

De uma maneira geral, sentiste que as fontes oficiais tentaram fazer uma gestão da crise? Pondo a mesma questão de uma outra perspetiva, sentiste que as fontes oficiais se esforçaram desde o início para coordenar as operações e a gestão da crise?

Claro que durante o período de crise tentaram sempre coordenar o máximo possível, mas como se tratava de uma crise de rápida evolução e de uma crise sem precedentes, existiu alguma

dificuldade em comunicar bem. E não se trata apenas de uma questão de comunicação ou coordenação. O que aconteceu durante o primeiro período da pandemia, com o encerramento das fronteiras, a falta de solidariedade na partilha de material médico e de medicamentos, tudo isto, por exemplo, refletiu a falta de coordenação na UE.

Foi difícil obter informações nessa altura?

De facto, publiquei durante esses meses muitas fugas de informação e documentos oficiais. E sempre de documentos verificados. Tinha o cuidado de contactar sempre os gabinetes e outros funcionários relevantes da UE, para ter a certeza de que os documentos que eu tinha não só eram autênticos, como também se tratava da última versão.

Passando para as imagens utilizadas nos artigos. A grande maioria são de políticos numa conferência de imprensa ou em reuniões. Tendo em conta que estávamos perante um caso de saúde pública, a escolha deste tipo de imagens é o mais adequado, mesmo na secção de economia e emprego?

As fotografias que utilizamos para este tipo de cobertura são, na sua maioria, imagens fornecidas pelas instituições da UE. Quando cobrimos negociações não é como se cobrisse uma reportagem de rua ou artigo social. Quando cobrimos negociações, as possibilidades de fotografia são mais limitadas, digamos, em termos de escolha. No final do dia, usamos sempre retratos dos próprios políticos ou das negociações como a cimeira, reunião ou o que quer que seja.

Há uma citação do livro "Reporting the EU" que diz o seguinte: "O jornalista que se encontra designado para cobrir a UE, ou 'Europa', faz assim o que parece vir naturalmente: traz a sua nação com ele". A maioria dos textos publicados tinha um ponto de vista internacional (fontes de diferentes nacionalidades, comparações entre países, referência a dois/três países ou líderes diferentes, enfoque a um nível europeu, etc.). Pensas que esta frase não se aplica ao EURACTIV? Quer dizer, quando escreves, tentas sempre pensar de um ponto de vista europeu?

Sim, quer dizer, aqui é claro que é diferente quando cubro assuntos da UE para o *El Economista* ou para o EURACTIV. Para o *El Economista*, claro, sublinho sempre qual é a posição

espanhola, o interesse espanhol ou como essas notícias ou negociações podem afetar a Espanha. No caso do EURACTIV, nunca tenho um ângulo espanhol, a não ser que o que estou a escrever afete especialmente a Espanha ou que a Espanha seja o protagonista principal ou tenha as personagens principais na história. Por exemplo, durante o período inicial da crise, a Espanha foi um dos proponentes de um modelo particular do fundo de recuperação, as famosas *coronabonds*. Claro que, nesse caso, o ângulo da minha história e o principal protagonista foi a Espanha, a ministra das finanças, Nádía Calviño, e o primeiro-ministro, Pedro Sanchez.

Analisando a secção, dentro de Economia e Emprego existem as subcategorias que têm em conta as visões sociais de um tema como a “Social & Emprego”, “Educação” ou “Futuro dos empregos”. No entanto, a maior parte das notícias enquadrava-se em “Euro & Finanças” ou em nenhuma subcategoria. Esta não era também uma questão social?

É verdade que por vezes a etiquetagem das notícias não é tão clara. Se olharmos para a forma como apresentamos a tabela e como etiquetamos as histórias, foi sempre sob o separador do coronavírus. Eu diria que usámos mais a secção de “Economia e Emprego” e a subcategoria “Euro & Finanças” porque se tratava do instrumento económico. Mas claro que isto é apenas um ponto de vista subjetivo. A decisão foi minha. Penso que o ponto de vista económico da cobertura era importante porque na altura estava-se a discutir o impacto económico, as consequências económicas e de como lidar com essas consequências. Embora existisse uma crise social em curso, e também uma crise de saúde, o próprio conteúdo das notícias que estávamos a relatar era mais sobre a economia.

Então, achas que a perspetiva social das notícias pode ter sido afetada pelo confinamento?

Sim. Certamente, o facto de que durante esse período de tempo termos estado confinados afetou a cobertura de assuntos mais sociais, em que precisas de falar com pessoas, relacionar com elas, visitá-las, ir a hospitais, o que quer que fosse. E, nessa altura, não era possível. Houve muitos constrangimentos para os jornalistas. No meu caso, que me foco na vertente mais política, não tive esses problemas, mas para os repórteres sociais foi mais difícil de escrever e de cobrir esse tipo de casos.

Olhando para o número de notícias sobre o coronavírus. Em abril, foram publicados 82 artigos na secção de Economia e Emprego. Apenas três deles não eram relacionados com o vírus. A que se deve estes números?

Para ser franco, a agenda completa da UE, durante bastante tempo, até junho - finais de maio/junho, foi totalmente dedicada ao coronavírus, sob uma perspetiva muito diferente: ajuda financeira, relações comerciais, etc. Estava tudo muito relacionado com o vírus.

Mas não existiram outros temas de interesse?

Claro que havia outras histórias. Assim de repente lembro-me do acordo do Mercosul, a estratégia digital, a relação da UE com essas plataformas... e ao melhor da minha memória, nós cobrimos esses assuntos, em cooperação com outros colegas. Mas quando se tratava da minha secção, estava mais focado na preparação do pacote financeiro, ou seja, da resposta económica à pandemia. De facto, numa questão de semanas, a UE passou a enfrentar a mais profunda recessão da sua história.

Em relação à escolha dos títulos das notícias, em março, havia 20 artigos que faziam menção ao coronavírus no seu título. Em maio, havia só dois. Existiu alguma preocupação da vossa parte em reduzir esse número ou foi uma mera coincidência? Foi isto um exemplo de *corona-fatigue*?

Particularmente, penso que não. Estou contente por ver estes números, pois dá-nos uma perspetiva das coisas que fizemos. Mas não diria que se tratou de *corona-fatigue*. É verdade que no final do dia, talvez, involuntariamente, tendamos a evitar a repetição, porque estamos cansados de escrever sobre o mesmo ou sobre as mesmas coisas. Talvez diga que fomos afetados por essa *corona-fatigue*, mas não tinha consciência de que estávamos a utilizar menos menções em maio.

Para terminar, que características deve ter um jornalista que cobre assuntos europeus em Bruxelas?

Com certeza que precisa de ser muito ágil. Precisa de ter muito bom senso porque há muitas coisas a acontecer ao mesmo tempo, por isso precisa de aprender a estabelecer prioridades e a não entrar em pânico, porque as coisas vão sobrepor-se, e vão achar que tudo é importante, que

todas as histórias são relevantes e ao mesmo tempo difíceis de compreender. Ao mesmo tempo, acabam por não compreender as histórias, pelo que não conseguem julgar quais as que são mais importantes. Tem de ter muita resiliência – uma palavra que agora é muito popular – para evitar o pânico. E eu já vi muitos colegas a saírem de Bruxelas porque entraram em pânico. Além disso, já disse que precisa de ser ágil – saber o que cobrir e fazê-lo rapidamente -, mas também precisa de ter uma ampla compreensão do que se passa na Europa. Da Europa como um todo. A sua história, a história recente da UE, mas também dos estados-membros. Existem debates nacionais que afetam a posição dos estados-membros na UE.

E, claro, um jornalista é tão bom como o valor das suas fontes. Precisa de estar na rua, não pode trabalhar a partir do escritório. Tem de estar por perto. No início é muito importante que participe em cada conferência de imprensa e que faça muitas perguntas para se tornar visível. Não importa se o seu meio de comunicação é grande ou pequeno, porque é desta forma que ganhará a confiança dos porta-vozes e gabinetes. Assim vai começar a trabalhar as suas fontes, a obter informação e a publicar boas histórias, o que aumentará a sua visibilidade.